

TRAMA

Este livro é mais uma das ações da T R A M A – projeto realizado colaborativamente por artistas, servidoras e servidores municipais de diversos setores, com o apoio de movimentos culturais da cidade do Rio de Janeiro. Ao longo de 2023, nos reunimos em lugares de força para imaginar coletivamente propostas e políticas públicas para a cidade e modos de efetivá-las. Concebi esse projeto como artista convidada da Residência Artística no Setor Público (RASP), uma realização da República.org, Instituto Betty & Jacob Lafer e Automatica.

Aqui, você conhecerá o que fizemos e as propostas elaboradas pelo coletivo. Este livro é um convite à continuação do debate. Faz com que a residência, uma vez finalizada, não acabe. Faz com que a T R A M A siga tramando. É um livro-ação. Um livro-sim. Um livro-cheio-de-vontade. E de força-de-vontade. Um livro encaminha-mento de forças.

Apesar das divisões, as partes se entrelaçam. Afinal, o princípio ativo é a trama – uma T R A M A escrita assim, em maiúsculas, com espaçamento entre as letras, firme e arejada. Talvez você queira começar lendo as “19 propostas para a cidade do Rio de Janeiro” imaginadas pelo coletivo. Ou talvez, você prefira entrar pelas “6 notas para pensar e fazer performance”, uma espécie de introdução a teorias contracoloniais que energizam a ação. Ou, quem sabe, a opção seja conhecer de saída as “4 matérias” que firmam o trabalho ou os “14 fios” que transpassam (e eletrizam) as propostas. Pode ser também que a escolha seja iniciar a leitura considerando comos e porquês de “1 residência artística no setor público”. Ou vai que as imagens dos “9 encontros” chamam imediatamente a sua atenção e pronto. Haverá ainda quem prefira começar o livro por trás e conhecer as “39 fontes” de antemão. Tanto faz. As partes foram compostas simultaneamente. Eu não havia previsto que seria assim, mas assim foi. O trabalho sabe do trabalho e a gente vai fazendo; e sendo feita. A gente faz o que pode; e o que não pode.

Eleonora Fabião

0

1

14

4

19

6

39

9

Apenas uma recomendação: que você comece lendo a próxima página.

O programa é a semente.

Programa é semente.

E folhear faz vento.



TRAMA

Programa da residência:

Ao longo de um ano, o ano de 2023, convidar servidoras e servidores públicos municipais de diversas áreas – saúde, cultura, educação, meio ambiente, transporte, legislação, planejamento, limpeza urbana, segurança, etc. – para rodas de conversa. Os encontros acontecem mensalmente, sempre às sextas-feiras, em torno de mesas de importantes espaços de arte, cultura e educação da cidade do Rio de Janeiro. Lugares que concentram, multiplicam e proliferam força estética, espiritual e política.

Ao longo dos meses, formar quatro grupos de trabalho. Cada grupo é composto por cerca de oito servidoras/es e a equipe artística da T R A M A. Com cada grupo, realizar dois encontros – o primeiro para nos conhecermos e o seguinte para imaginarmos coletivamente projetos para a cidade e modos concretos de implantação. Quem participa de um encontro é convidada/e/o a participar dos seguintes.

A cada mês, em cada novo espaço, pedir para que nossas anfitriãs e anfitriões apresentem seus locais de trabalho, os projetos em andamento e convidar para que participem das rodas conosco. E em todos os encontros, logo na chegada, realizar trabalho corporal coletivo. Sem envolvimento corporal não se faz T R A M A.

Sempre trazer conosco, num vaso de barro, uma muda de Ipê Rosa que, ao fim do ano, será plantada no jardim da Prefeitura para que cresça firme e forte. Sempre trazer conosco, uma planta escolhida para presentear cada morada que nos recebe. Sempre trazer conosco, garrafas brancas com água fresca, água de

coco, chá de capim limão e café. Sempre trazer conosco, tijolos cobogó (quadrados com um círculo no meio) para dar a quem participa. Na sequência, pedir que nos enviem uma foto do tijolo em suas mesas de trabalho – assim cresce a trama de mesas e se espalham os tijolos. Ao final do ano, as propostas elaboradas pelo coletivo T R A M A são encaminhadas a setores específicos da Prefeitura do Rio de Janeiro para que sejam analisadas, aperfeiçoadas e implementadas.

T R A M A: experimentação artística e imaginação política

T R A M A: diferenças em aliança

T R A M A: arte de abrir caminho

Rio de Janeiro, 1 de janeiro de 2023.



TRAMA

Eleonora Fabião

realização



República.org



parceria



Fundação
João Goular

apoio



Rio de Janeiro, 2025



0	T R A M A – programa da residência	p. 3
1	residência artística no setor público	p. 26
4	matérias	p. 38
9	encontros	p. 58
14	fios	p. 98
19	propostas para a cidade do Rio de Janeiro	p. 116
6	notas para pensar e fazer performance	p. 146
39	fontes	p. 160



RESISTIR É LEI

ARTE É REBELDIA.

MANGUEIRA

















1

residência artística no setor público

Um dos começos dessa história aconteceu em agosto de 2018 quando a curadora Luiza Mello me convidou para entrevistar a artista estadunidense Mierle Laderman Ukeles, como parte do seminário “Serviço Público e Arte”, organizado pela República.org,¹ no Museu de Arte do Rio (MAR). Neste evento, foi lançada a RASP (Residência Artística no Setor Público), projeto da República em parceria com o Instituto Betty & Jacob Lafer e a Automatica. A entrevista com Ukeles, referência quando o assunto é articular arte e serviço público, fechou o evento. O encontro aconteceu de modo remoto – ela em Nova York e nós no auditório do MAR. Na plateia lotada, estavam gestoras/es, servidoras/es, artistas e, também, estudantes da disciplina de pós-graduação que eu lecionava na época. Sou professora titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), servidora pública, docente da Graduação em Direção Teatral e da Pós-graduação em Artes da Cena, e naquele ano ofereci um curso de pós-graduação chamado “Performance: arte, política, vida”, no Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica (CMAHO).² Na aula daquele dia, estudamos vários trabalhos de Ukeles, depois caminhamos juntas/es/os pelo centro do Rio até o MAR e tivemos a bela oportunidade de conversar com a artista.

Ao longo da entrevista, Ukeles contou sobre seus projetos de *Maintenance Art* [Arte de Manutenção] iniciados em fins dos anos 1960, nos falou de seu interesse em tornar visível o trabalho invisível e fundamental realizado por trabalhadoras/es da limpeza, por mães e donas de casa, por servidoras/es tanto domésticas/os como públicas/os, gente que se dedica a cuidar, manter, zelar.

Em um manifesto escrito em 1969 (um ano após o nascimento de seu primeiro filho), ela pergunta: “Depois da revolução, quem irá recolher o lixo na segunda-feira de manhã?” Para Ukeles, manutenção é arte. Ou ainda, Ukeles transforma manutenção em arte e arte em manutenção.

Ao público do encontro, interessava especialmente a relação da artista octogenária com o New York City Sanitation Department (DSNY) [Departamento de Saneamento da Cidade de Nova York]. Em 1977, a convite da instituição, Ukeles se tornou artista residente não assalariada e passou a ocupar um escritório-atelier no DSNY. A partir daí, interesses e forças foram alinhados, modos de produção equalizados e a artista desenvolveu gradualmente séries de trabalhos em conjunção com o Departamento.³ Uma aliança se firmou. Lembro que quando escutei sobre a parceria pela primeira vez, me perguntei sobre a etimologia da palavra “sanitation”. “Sanitation” deriva do latim “sanus”, que significa “são” nos sentidos corporal e mental – *mens sana in corpore sano*, como se diz. A “Arte de Saneamento Público” é também “Arte de Sanidade Pública”.

Com o passar dos anos, a colaboração entre Ukeles e o DSNY tornou-se fonte de inspiração para instituições públicas e artistas interessadas/es/os em movimentar a cena da cidade, daí o convite para a artista fechar o evento no MAR. Uma aposta, por um lado, na plasticidade da instituição pública e, por outro, na firmeza do gesto artístico que não pretende simplesmente representar, adornar ou criticar, mas mobilizar e, quem sabe, gerar transformação. Ações estético-políticas praticadas colaborativamente por artistas e não-artistas, por cidadãos/ãos interessadas/es/os em experimentação em campo expandido. Pessoas buscando criar institucionalidades adequadas aos movimentos da vida e não viver a vida encaixando-se em modos institucionais não mais condizentes com suas necessidades e circunstâncias.

No ano seguinte, Luiza me convidou para ser artista residente na RASP.⁴ Aceitei com alegria. A residência teria duração de um ano, algo novo para mim.

Em vez de ações performativas e instalativas, ações pontuais e diretas como costume realizar, eu desenvolveria um projeto de longa duração junto ao setor público. Como professora da UFRJ desde 1997, tenho especial interesse pela coisa pública, vivo cotidianamente suas questões e conheço de perto possibilidades e desafios. Inclusive, como fui me dando conta aos poucos, de certa maneira estou em longuíssima residência artística no setor público. De um jeito ou de outro, uma artista vive em residência, não? Já no campo da arte, comecei a desenvolver ações performativas que envolvem diretamente instituições públicas como matéria de trabalho em 2018.⁵ Além disso, me interessei de saída pelo convite, pois percebo a RASP como um ponto de inflexão no panorama artístico contemporâneo, um bem. Não sabia exatamente o que iria propor, mas tinha certeza de que era o lugar certo na hora certa. Com o crescimento desenfreado da extrema direita no Brasil, com o fortalecimento do neoliberalismo e sua incompatibilidade com instituições públicas, nada me parecia (e segue parecendo) mais acertado do que trabalhar artisticamente com a coisa pública (a *res publica*). Como artista da ação, me parecia (e segue parecendo) coisa que precisa ser feita.

Coisas que precisam ser feitas. Faz algum tempo esta frase virou uma espécie de refrão, uma guia, um modo de me referir às práticas artísticas que realizo e, também, um jeito de dizer que sou guiada por elas, que vou vivendo a vida fazendo o que acredito precisa ser feito para a manutenção da saúde e da sanidade da cidade onde nasci e cresci, das comunidades às quais pertencço e a minha própria. Conceber performance como coisa que precisa ser feita é buscar articular estética, ética, política e espiritualidade de modo inseparável. Articular as forças de modo que nenhuma possa ser acessada sem que todas as outras estejam inteiramente implicadas. É buscar praticar ações integradas, integrativas, íntegras. Uma espécie de vitalismo radical: fazer coisas que fazem vida na vida. A frase me ocorreu pela primeira vez para nomear um trabalho realizado em 2015 na Performa Biennial de Nova York (e depois passei um longo período com dificuldade de imaginar outros títulos para novas ações; tudo queria ser *Coisas que precisam ser feitas 2*, *Coisas que precisam ser feitas 3...*). A série de cinco ações realizadas na Performa envolveu um coletivo de 12 colaboradoras/es e diversos materiais (varas de bambu,

fitas metaloide prateadas e douradas, lycra cintilante e lâmpadas de tungstênio coloridas). Ao longo de cinco dias e noites, de acordo com a posição do sol em relação ao horizonte, nos movimentamos com a Wall Street, rua da Bolsa de Valores de Nova York, termômetro da economia mundial. Na época escrevi: “A série *Coisas que precisam ser feitas* é uma disputa explícita por espaços concretos, imaginários e simbólicos na arena pública. Performamos aberta, coletiva e corporalmente uma luta em favor de experimentação e imaginação política. Queremos um oposto do lucro que não seja o prejuízo. Queremos o bem comum e a força do incomum. Queremos ver raro brilhar.”⁶

Coisas que precisam ser feitas. A questão é nos perguntarmos o que consideramos realmente necessário operar no nosso mundo hoje, um mundo com tanto excesso, escassez, disparidade e desamparo. Quais ações, imagens, sensibilidades? Quais modos relacionais? Quais forças queremos proliferar por meio de nossas ações? Quais queremos bloquear? Que mundos queremos criar com nossas artes? Que artes queremos criar com nossas artes? A cada projeto as circunstâncias mudam, as movidas são específicas, mas a motivação é a mesma: mapear o contexto, conceber programas que desprogramam e agir buscando desmontar a lógica da violência tão entranhada nas relações e nas matérias. Desarranjar criteriosamente, com lucidez performativa, a colonialidade impregnada nas vidas, nos corpos, nas coisas — o extrativismo, o separatismo, o racismo, a heteronormatividade, o sexismo, o antropocentrismo, essas pragas.

Importante dizer que sou uma artista que trabalha com as circunstâncias como matéria prima. Muitas vezes as circunstâncias são cheias de movimento inercial. Há inércia, há resistência à mudança, mas há também possibilidade de variação. Assim como percebo, a ação poética é um corpo estranho que se mete nas circunstâncias e sacode o aparentemente inalterável (as coisas são como são), o supostamente inevitável (as coisas são assim mesmo). Um estranho corpo estranho que desestabiliza o estabelecido desencadeando uma espécie de tremor. Um estranho tremor. A ação poética faz tremer as circunstâncias. Circunstâncias que são feitas de visíveis e invisíveis; de massa verbal, fantasmática, arquitetônica, histórica; circunstâncias cheias de verdades, desejos e modos de desejar; de vivos,

de mortos, de vivos-mortos e mortos-vivos. Circunstâncias densas e porosas ao mesmo tempo – há dureza, mas o gesto certo pode fissurar, romper padrões. Pode interromper, suspender e rearranjar mecânicas de percepção, cognição e relação. As circunstâncias são uma matéria escultórica e tanto. Tem barro, mármore, madeira, resina, parafina, ferro, alumínio, acrílico, vidro, pó, pano, tinta, pigmento, areia, couro, plástico, elástico, borracha e também as circunstâncias.

Vem sendo assim, uma lida com circunstâncias – escutando-as, estranhando-as (escutando-me, estranhando-me) e abrindo multiplicidades e circulações de acordo com os potenciais relacionais e situacionais. A imaginação poética é uma forma singular de entrar politicamente no mundo e de engajamento com sua complexidade. A imaginação poética faz forma política. A performance não é um ensaio ou um lembrete, mas um tipo de inteligência, um jeito de fazer corpo coletivo, um modo de ação na cidade; é coisa que precisa ser feita. Performances não apenas propõem reconfigurações do mundo, mas efetivamente as operam, conjugando as dimensões concreta, imaginária e simbólica. Concreta porque produz acontecimento (aqui e agora), imaginária porque é da ordem da invenção (faz existir o que não existia), e simbólica porque é radicalmente associativa (multiplica as dimensões e acelera as dinâmicas perceptivas e relacionais).

Em nosso primeiro diálogo, Luiza pediu que eu escolhesse com qual secretaria eu gostaria de trabalhar – Saúde? Transporte? Ambiente e Clima? Limpeza Urbana? Infraestrutura? Assistência Social? Eu perguntei: “Pode ser com todas?” Ela sorriu. Eu sorri de volta e nasceu a T R A M A.

Como o programa diz, o objetivo da residência seria articular servidoras/es de diferentes setores e aproximar estas/es profissionais de importantes movimentos culturais da cidade para imaginarmos conjuntamente, artistas e não-artistas, servidoras/es e não-servidoras/es, projetos e políticas públicas para a cidade do Rio de Janeiro. Não se trataria de sonhar possibilidades, mas de fazer arte de abrir caminho já prevendo modos logísticos e orçamentários para efetivar as propostas que fôssemos capazes de imaginar. O trabalho seria suspender momentaneamente

a lógica da “repartição” (da “divisão”, da “subdivisão”, da “setorização”, da “subse- torização”) por meio da rara oportunidade de imaginar coletivamente em lugares de força da cidade. Para isso, precisaríamos reunir servidoras/es interessadas/es/os em participar e aliançar com movimentos estético-sociais cariocas que praticam arte e cultura como direito cidadão. A operação poética seria, como sempre, quebrar (hábito), suspender (rotina), estranhar (padrão) para articular (diferentes), conjugar (diferente), compor (diferenças). Um trabalho de esculpir circunstâncias reconfigurando-as.

A residência estava prevista para começar em março de 2020, justamente o mês em que foi decretada a pandemia de Covid-19. Com a recomendação de distanciamento social, todas as reuniões foram canceladas. Concordamos que o trabalho só poderia ser realizado presencialmente – seria preciso esperar. E a partir daí, como bem sabemos, nós que sobrevivemos, transcorreu um ano e meio de luta. Se isolou quem pôde se isolar. Trabalhou de casa quem pôde trabalhar. Quem não pôde, seguiu atuando nos hospitais, supermercados, postos de gasolina, fazendo todo tipo de entregas, realizando tarefas presenciais imprescindíveis. Foram imensas as perdas, os adoecimentos, os medos, as raivas, as dores. Apesar dos extraordinários esforços das/es/os servidoras/es do Serviço Único de Saúde (SUS), o SARS-CoV-2 matou cerca de 700.000 brasileiras/es/os – considerando-se os óbitos registrados pelo consórcio de imprensa que se organizou para manter a população informada, já que o governo federal se recusou a prestar este serviço. A má condução da crise por setores do governo, além da filiação ideológica ao negacionismo por determinados grupos, agravaram imensamente a situação. Em contraponto, a sociedade civil reagiu realizando inúmeras ações de solidariedade, firmando redes de apoio, reinventando-se profissionalmente, praticando novos modos de sociabilidade. É sempre importante lembrar daquilo que vivemos tão solitariamente, mas praticamos tão coletivamente.

Na segunda metade de 2021, com o avanço gradual da vacinação, recomençamos a conviver de corpo presente e, até hoje, lidamos com epidemias emocionais, psíquicas e psicossociais derivadas do Covid-19. Isso sem falar nas sequelas que a doença deixou em muitas/es/os de nós. Outra consequência foi ecológica –

passada a pandemia, não podemos mais tapar o sol com a peneira. A peneira derreteu com o aquecimento global. O Instituto Copernicus informou que 2024 foi o ano mais quente já registrado. O político, o social, o econômico e o ambiental, como sabemos, co-constituem-se intra-ativamente. Se o projeto da T R A M A havia sido desenhado antes da pandemia, depois do distanciamento social, da experiência de morte massiva e das aprendizagens ecológicas, as cores ficaram mais fortes, o traço mais firme e o desejo de realizar ações integrativas ainda maior. Depois da pandemia, a T R A M A ganha subtítulo: *arte de abrir caminho*.

Por que e como articular arte e serviço público? Por que e como articular arte e serviço público na terceira década do século XXI, na cidade do Rio de Janeiro, depois da pandemia? Por que estimular artistas a dialogar com servidoras/es, frequentar secretarias e conhecer de perto as engrenagens da máquina pública? Por que estimular servidoras/es a aproximarem-se de artistas contemporâneas/os e suas práticas? Como as questões da arte podem mobilizar o serviço público e como o serviço público pode mover propostas artísticas? Como os modos de pensamento e de produção da arte e do serviço público podem se potencializar mutuamente? O que esperar de uma residência nesse setor? E quanto ao campo da arte hoje – o que a arte aguenta? Como e quanto de expansão o campo da arte suporta? Há limites? Não há limites? Como e quanto de ampliação é possível antes de tornar-se “outra coisa”? Como movimentar contornos? O quanto é possível esticar sem arrebentar pactos? O que a intencionalidade da/o artista e a nomeação “arte” aguentam? O quanto de arte o setor público quer? O quanto de arte o setor público aguenta? Até onde é possível atuar no setor público como artista? O setor público é um grupo de pessoas, um conjunto de procedimentos e leis, os dois? Que horas é um, é outro, é outra coisa? A RASP é uma iniciativa pontual, mas, por meio dela, haveria um desejo estrutural de recalibragem da vida política e da vida artístico-cultural, por meio uma da outra? Como uma cidade paradoxal como o Rio de Janeiro, tão cheia de vitalidade e de brutalidade, de pobreza e de riqueza, de pulsão de vida e de morte, tão dominada e tão vibrante, facilita e dificulta uma residência

artística no setor público? Como a paradoxalidade arte-não-arte da performance se potencializa com a paradoxalidade Rio de Janeiro? Como a paradoxalidade do Rio de Janeiro e da performance se potencializam com a paradoxalidade de uma residência artística no setor público? O que é um trabalho benéfico? O que torna um trabalho benéfico?

São muitas as perguntas, muitas mesmo. Porém, no começo da residência, havia uma questão básica: como encontrar as/es/os servidoras/es interessadas/es/os em participar? Como acessar pessoas nas mais diversas secretarias? Comecei considerando as três esferas – municipal, estadual e federal. Depois de muitas conversas e pesquisa, encontramos o Instituto Fundação João Goulart (FJG), na Prefeitura do Rio de Janeiro.⁷ Presidido pela geógrafa e gestora pública Rafaela Bastos, a missão do FJG é “investir na gestão pública municipal por meio do desenvolvimento de lideranças estratégicas e da oferta de soluções baseadas em colaboração, transversalidade e dados”, como explica Bárbara do Nascimento, Coordenadora de Gestão de Lideranças. Na segunda metade de 2022, nos reunimos na Prefeitura com Bárbara. Luiza apresentou a RASP e eu a T R A M A. Ela abraçou o projeto e firmamos a parceria institucional que alicerçou a residência. Sua primeira iniciativa foi marcar para fevereiro de 2023 um encontro online comigo e servidoras/es municipais de diversos setores participantes dos dois programas que ela coordena no FJG: Líderes Cariocas e Rio Liderança Feminina. Neste encontro, compartilhei trabalhos artísticos recentes, apresentei o programa da T R A M A e convidei todas/es/os para participar da residência. 72 pessoas se interessaram e preencheram o formulário de inscrição elaborado pelo FJG, indicando disponibilidade de tempo e o motivo do interesse.

Ao longo do processo, 12 setores da Prefeitura, além do FJG, envolveram-se na T R A M A: Companhia Municipal de Limpeza Urbana (COMLURB), Empresa Municipal de Informática (IPLANRIO), Gabinete do Prefeito - Coordenadoria de Gestão Institucional (GBP), Guarda Municipal do Rio de Janeiro (GM-Rio), Procuradoria Geral do Município do Rio de Janeiro (PGM), Secretaria Municipal da Educação (SME), Secretaria Municipal de Assistência Social (SMAS), Secretaria Municipal de Ciência e Tecnologia (SMCT), Secretaria Municipal de Desenvolvi-

mento Urbano e Licenciamento (SMDU), Secretaria Municipal de Planejamento Urbano (SMPU), Secretaria Municipal de Saúde (SMS) e Secretaria Municipal do Ambiente e Clima (SMAC).

Dentre as 72 pessoas interessadas, muitas/es/os não puderam ir aos encontros por questões de agenda. 24 participaram efetivamente: Amanda José Carneiro da Silva (SMAC), Ana Luisa Silva da Silveira (COMLURB), Angela Moreira (IPLANRIO), Bruno Afonso Rego Rossato (SME), Bruno Costa Guimarães (SME), Bruno Costa Lima Rossato (SME), Christiane de Araújo (SMS), Claudia Maria Dantas (PGM), Daniella Mudesto Rosa São Thiago (SMS), Danielle Christine Gomes Messias de Sousa Dias (SME), Ellen Cristina Pereira Zacarias (SMAS), Eremita Medeiros dos Santos (SMAC), Erika Soares Augusto Camacho de Moraes (SME), Gabriela Ribeiro Lourenço Silva (SMDU), Genésio Gregório Filho (GM-Rio), George de Souza Alves (FJG), Jana Libman (COMLURB), Luciano Silveira (SME), Maria Clara Almeida (GBP), Michelle Silva Blandy (SMS), Paula de Oliveira Camargo (SMCT), Safira Aquino Gomes Soares (GM-Rio), Valéria Hazan (SMPU) e Viviane Soares Pinheiro (SMS).

E apresento as equipes envolvidas:

Instituto Fundação João Goulart: Rafaela Bastos (Presidente), Bárbara do Nascimento (Coordenadora de Gestão de Lideranças), Alessandra Teixeira Marques Pinto (Assessora da Coordenadoria da Gestão de Lideranças), Amanda Oliveira Portela (Assessora da Coordenadoria da Gestão de Lideranças), Celina Macrini (Assessora da Coordenadoria da Gestão de Lideranças) e Marcos Pacheco (Assessor da Coordenadoria da Gestão de Lideranças).

República.org: Guilherme Coelho (Fundador), Helena Wajnman (Diretora Executiva), Bárbara Cardozo (Gerente de Projetos), Gabriela Nascimento (Estagiária de Projetos) e Eloy Oliveira (Conselho Diretor).

Instituto Betty & Jacob Lafer: Inês Lafer (Conselho de Governança, Presidente).

Automatica: Marisa S. Mello (Diretora de Planejamento), Amauri Souza (Produção) e Lucas Alberto (Produção).

Equipe Artística: Eleonora Fabião (Concepção e Condução), Luiza Mello (Curadoria e Direção Geral da Automatica), mariah miguel (Produção

Executiva), nadiana (Redação das Atas), João Pedro Orban (Fotografia e Vídeo), Mariana Angelito (Fotografia), Rara Dias (Design Gráfico), Mari Taboada (Assistência de Design) e Luiza Leite (Revisão). mariah, nadiana e João Pedro estiveram presentes em todos os encontros, compondo comigo, Luiza e Bárbara o núcleo estruturante do projeto. A sensibilidade e a contribuição artística dos três foi determinante na T R A M A.

Notas

- 1 A República.org é uma instituição voltada para o aprimoramento do setor público no Brasil. Site: <https://republica.org/>
- 2 Naquele momento participávamos da Plataforma de Emergência, projeto coordenado pela então diretora do CMAHO, Izabela Pucu. Cursavam a disciplina não apenas estudantes do PPGAC ECo UFRJ e de outros programas de pós-graduação em artes, mas ouvintes selecionadas/es/os pelo CMAHO. Nosso objetivo com a Plataforma era extensionista – dinamizar as articulações entre a cena artística e a cena acadêmica incluindo, em nossas salas de aula, artistas e pesquisadoras/es da cidade não vinculadas/es/os a instituições acadêmicas – e interuniversitário – aproximar os programas de pós em artes do estado (PUC-Rio, UERJ, UNIRIO, UFF, UFFRJ e UFRJ).
- 3 Para conhecer a obra da artista, sugiro o catálogo da exposição retrospectiva realizada no Queens Museum: PHILLIPS, Patricia C. *Mierle Laderman Ukeles: Maintenance Art*. United Kingdom: Prestel Publishing, 2016.
- 4 Para conhecer os projetos desenvolvidos na RASP: <http://rasp.art.br/sobre/>
- 5 Este é o caso de “se o título fosse um desenho, seria um quadrado em rotação” (Festival de Teatro de Curitiba, 2018) e “nós aqui, entre o céu e a terra” (34ª Bienal de São Paulo, 2021).
- 6 Para conhecer esta ação e outras realizadas entre 2015 e 2020, ver: ARTE_BRA Eleonora Fabião. FABIÃO, Eleonora; MELLO, Luiza; MELLO, Marisa S. (org.). Rio de Janeiro: Automatica, 2021. Disponível em: <https://www.colecaoartebra.com/eleonora-fabião>
Para conhecer trabalhos anteriores (2008-2015), ver: AÇÕES. FABIÃO, Eleonora; LEPECKI, André (org.). Rio de Janeiro: Tamanduá Arte, 2015. Disponível em: https://6e80d150-faba-469b-8d47-f38ff97a8da8.usfiles.com/ugd/6e80d1_940407b046944ff59898d38ffacbe702.pdf
- 7 Site do Instituto Fundação João Goulart: <https://fig.prefeitura.rio/>



4 matérias

Quatro matérias firmam a T R A M A: mesas, tijolos, plantas e água. A trama se dá entre parentes humanos e não-humanos.

Mesas.

Mesa é matéria aglutinadora. Ela proporciona encontro, reúne, aproxima, facilita relação. Dá suporte. Mesas, em geral, consistem em um plano suspenso por quatro hastes mais a massa de vazio delimitada pelo tampo, pernas e chão. Nunca esqueci de um artigo científico que li onde o autor falava sobre a importância das mesas em laboratórios. O cientista dizia que os aceleradores de partícula eram fabulosos, as possibilidades dos computadores extraordinárias, as façanhas dos microscópios notáveis, mas as melhores ideias e propostas surgiam mesmo em torno das mesas de reunião e refeição.

As oito mesas da T R A M A se materializaram aos poucos, ao longo do ano. Afinal, não seria possível saber de antemão as necessidades do projeto e pré-estabelecer os oito locais dos encontros. Não-saber, saber esperar, escutar com toda atenção os acontecimentos do dia a dia, caçar que nem bicho, ser encontrada pelas coisas, pedir aos sonhos para indicar caminhos, isso tudo faz parte do movimento. Quando a gente está na busca, embrenhada no programa até o último fio de cabelo, pessoas se aproximam, oportunidades aparecem, conjunções acontecem. Forma-se um campo magnético que atrai o que faz parte do movimento e afasta o que não pertence ao mundo em

processo de instauração gerado pelo programa. Para encontrar as mesas, me perguntei quais são lugares de força no Rio de Janeiro, locais com forte tradição cultural, sociopolítica e espiritual na cidade. Lugares que já são tramas. Me guiaram também perguntas amplas: quais modos de hospitalidade e de cidadania estamos buscando? Como lugares fazem relações acontecerem? Como os espaços e suas matérias conduzem e geram forças?

Nos reunimos em torno de mesas nos seguintes locais e nesta ordem: quadra do Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira (Mangueira), Casa do Jongo da Serrinha (Madureira), Renascença Clube (Andaraí), Museu de Arte do Rio (Saúde), Casa da Tia Ciata (Centro), Galpão Aplauso (Santo Cristo), Centro de Artes da Maré (Maré) e Galpão Bela Maré (Maré). Todas as casas nos receberam por acreditar que a iniciativa era válida e traria benefícios para a cidade. Todos os convites feitos foram aceitos, não houve recusa. Para nossa última reunião na Prefeitura do Rio (Cidade Nova), em dezembro, cujo objetivo era organizar todas as propostas elaboradas pelo coletivo com a presença do maior número possível de participantes, fizemos uma grande roda sem mesa. Dessa vez, a opção foi deixar o centro vazio para que todas as outras mesas pudessem aparecer. E apareceram.

Talvez tenha sido sobre uma mesa que Wislawa Szymborska escreveu os seguintes versos: “Não precisa nem mesmo ser gente / para ter significado político. / Basta ser petróleo bruto, / ração concentrada ou matéria reciclável. / Ou mesa de conferência cuja forma / se discutia por meses a fio: / deve-se arbitrar sobre a vida e a morte / numa mesa redonda ou quadrada.”¹

Deve-se imaginar projetos para a cidade do Rio de Janeiro em torno de mesas de plástico branco, de vidro com pés de metal dourado, com tampo de mármore polido ou de fórmica fingindo mármore? Em torno de mesas de madeira de demolição de engenho colonial, de PVC amadeirado ou de ferro e dobrável?

Mesas forradas com chita florida, feltro verde ou TNT rosa fúcsia? Deve-se imaginar políticas públicas e projetos para a cidade do Rio de Janeiro onde? Como? Com quem? Com que frequência? Como as mesas e seus campos definem o conteúdo dos debates, o sentido das palavras, os modos relacionais, as estratégias argumentativas, os tensionamentos e distensionamentos?

Tijolos.

Sem tijolos não há como fazer T R A M A. Feito de barro cozido, tijolo é mistura de água, ar, terra e fogo. Como sabemos, tijolos têm grande capacidade de acomodação e resistência mecânica, suportam grandes compressões, aguentam peso. Bons isolantes térmicos, retêm calor durante o dia e liberam à noite, respirando e transpirando assim. Como me explicou um mestre de obras, não se empilham tijolos simplesmente, fazem-se “amarrações”. Tão bonito isso. Há diversas maneiras de amarrar tijolos.

Na T R A M A trabalhamos com tijolos cobogó. Os cobogós são mais vazados que tijolos tradicionais. Um muro de tijolos é um muro, mas um muro de cobogós não é bem um muro. Cobogós facilitam imensamente a passagem de ar e luz nas construções, coisa importante em um país quente como o nosso. Aprendi com um membro do público em uma fala que fiz no Fórum Dança de Lisboa sobre este projeto, que o nome “cobogó” é formado pela primeira sílaba do sobrenome dos três engenheiros que inventaram o material no Recife: Coimbra, Boeckmann e Góis. Poderiam ter optado por gócolo ou bocogó, mas escolheram cobogó. Fizeram a trama deles e nós fazemos a nossa com a deles.

São vários os formatos de cobogós. Os que fazem a T R A M A são quadrangulares por fora com um anel por dentro (20cm × 20cm). Quadrado e círculo são unidos por quatro linhas pequenas que conectam o meio de cada lado do quadrado ao círculo. O círculo se liga ao quadrado e o quadrado se liga ao círculo. As duas formas tendem uma à outra, se aproximam e se afastam, se juntam e se diferenciam, latejam. Aresta se curva e curva se dobra. Da mesma maneira, a roda de conversa comunitária e a agora pública; da mesma forma, o fluxo curvilíneo da imaginação

e o fluxo angulado do planeamento; do mesmo jeito, uma profusão de ideias para políticas públicas no Rio de Janeiro e o exame detalhado e pragmático de cada proposta para sua posta em prática. A roda gira e o ângulo vetoriza. A curva espirala e o quadrado assenta. Círculo rola e quadrado firma. Há condensação e expansão, adensamento e extroversão, tensão e distensão. Há que perceber como formas geram circuitos de forças e velocidades. Há que entender como circuitos de força e velocidades geram modos de relação e vice-versa. Para fazer T R A M A, precisamos dos círculos e dos quadrados, das curvas e dos ângulos, das espirais e dos vetores, das rodas de conversa e das institucionalidades, dos giros e dos enraizamentos. Precisamos de combinações de sensibilidades. Precisamos combinar sensibilidades. Precisamos da transdisciplinaridade e da intersetorialidade. Precisamos do diálogo entre instituições e comunidades. Precisamos do diálogo entre a servidora da Secretaria de Saúde, a servidora da COMLURB, a performer e o membro da associação de moradores; entre o pessoal da Guarda Municipal e da Secretaria de Educação mais o presidente do quilombo urbano e a artista; entre as inteligências do Meio Ambiente, da Assistência Social e do Planejamento junto com o diretor cultural do G.R.E.S. e o documentarista. E há sempre que construir dando passagem ao ar e à luz. Construir com tijolos cobogó. É mesmo uma questão de potenciais relacionais e situacionais, de contornos e acoplamentos, de circulações e membranas, de relações biointegrativas. É a questão dos modos de vida, dos modos como vivemos as nossas vidas singular e coletivamente, do que somos capazes de imaginar e, no final das contas, de realizar conjuntamente.

Plantas.

Talvez o que mais me impressione nas plantas seja o afinco, o afinçamento. Elas nascendo em frestas de asfalto, rachaduras de paredes, encaixes de pedras, juntas de concreto armado. Raízes rachando muros e calçadas. Brotos brotando verde vivo depois do incêndio devastador. Bulbos debaixo do gelo, sob uma montanha de neve, eles lá quietos, esperando o calor chegar para despontar verdejantes. Sementes de Pau-branco na Caatinga, que podem ficar até sete anos na beira da

beirada da eminência até que a chuva bate de um determinado jeito e acontece a quebra da dormência. As plantas são uma espécie de antimatéria nossa, antimatéria do humano que compõe nossa matéria. Somos diferenças da mesma matéria. Sem órgãos como os nossos, sem cérebro como nós, elas sobrevivem às criaturas humanas, às formigas e às girafas, aos furacões, às secas e tsunamis porque não há centralização das funções. Mesmo que haja a remoção de uma grande parte, o todo continuará vivo. Haverá brotação. Haverá adaptação. Outra vez. O afinco, o afinçamento.

Imagina uma cidade, uma metrópole das grandes, o Rio de Janeiro, por exemplo. Imagina o Rio de Janeiro depois de 10 anos sem poda. Imagina. Depois de 100 anos sem poda. As plantas são imparáveis. A gente barra, mas a brotação segue. A cidade tende à floresta. O mundo tende à floresta. O planeta tende à floresta. A floresta floresta.

Várias plantas participaram da residência. Para cada encontro eu levava sempre duas plantas no carro. O Ipê Rosa andarihou por todos os espaços. A outra variava a cada mês. Ambas compunham conosco as rodas de conversa, posicionadas nas mesas ou próximas. Ao final de cada reunião, o Ipê voltava comigo e a outra planta passava a morar na casa que nos recebeu. Ela era o nosso presente, nosso modo de agradecer; um elo que, com os devidos cuidados, pode crescer e se multiplicar. Qual planta oferecer para cada casa dependia das conversas quando firmávamos parceria. Houve quem fizesse pedido específico, houve quem preferisse surpresa.

Para a Estação Primeira de Mangueira, “palácio do samba e da cidadania”, levamos uma Primavera, planta nativa da América do Sul. Presenteamos a Mangueira com uma Primavera verde e rosa que, nos disse Claudia Pereira, secretária do setor cultural, poderia ser posicionada na entrada da quadra, iriam estudar. Naquele mesmo dia vimos chegar uma cadeira de dentista verde, doação para o consultório dentário que, junto com vários outros serviços oferecidos no local, compõe a trama Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira. Além dos ensaios e festas, a quadra abriga atendimento médico, instituto profissionalizante, centro de informática e vários programas sociais para crianças e adolescentes, nos explicou o Diretor Cultural, Renato Moço. Escola de samba é organismo sociocultural.

Renato nos levou em uma visita guiada – conhecemos o palco, os camarotes, a sala de troféus, os altares, as homenagens às madrinhas e mestres de bateria e às/aos baluartes da escola e, por fim, o Museu da Mangueira.²

Para a Casa do Jongo da Serrinha – “espaço de ativismo, arte, cultura e memória”, sede do grupo Jongo da Serrinha – levamos uma muda de bananeira, planta símbolo do grupo. Dentre as bananas, escolhi a prata por conta das cores do Império Serrano, escola de samba verde e branco da Serrinha. Como explicou Dyonne Boy, gestora do grupo, foi Sebastião Molequinho, fundador do Império, portador da carteirinha número 1, quem escolheu as cores da esperança e da paz para a escola. Jongo é o ritmo considerado pai do samba e a Serrinha é uma das favelas centenárias do Rio. A bananeirazinha foi plantada num canteiro na subida do morro, em frente ao Terreiro Tia Eva Emely, o “quilombinho”. Luana Ferreira, membra do grupo, seguiu um ritual dos jongueiros antigos que plantavam suas mudas à meia-noite, durante as rodas de jongo. Volta e meia ela me manda fotos. A muda já virou um bananal. No encontro também nos receberam Deli Monteiro, neta de Vovó Maria Joanna, matriarca e presidente da Associação Grupo Cultural Jongo da Serrinha, Lazir Sinval, sobrinha neta de Tia Maria do Jongo, Coordenadora Artística do Jongo da Serrinha, e Ivo Mendes, filho de Tia Maria do Jongo, Vice-Presidente da Associação.³

No contato com o Renascença Clube no Andaraí – “primeiro clube de pessoas pretas do Rio de Janeiro, guardião da cultura negra e da força afrodescendente” – recebi uma encomenda especial. Levamos uma Espada de Santa Bárbara que, pelo que entendi, passou a integrar o altar na sala dos dirigentes do clube. Durante o Samba do Trabalhador – tradicional roda de samba realizada todas as segundas-feiras no Renascença – o mestre de cerimônias repete ao microfone: “Acolhimento é resistência”. Ali, a valorização da cultura negra e, ao mesmo tempo, a promoção de encontros e alianças interracialis, se articulam como estratégias contracoloniais. Como nos disse João Carlos Martins, vice-presidente cultural e artístico, enquanto nos apresentava o Espaço de Memória do Clube, o Renascença é um quilombo urbano que, na relação com a cidade, fortalece a luta pela memória e preservação da cultura negra carioca.⁴

Para escolher qual planta levar para o Museu de Arte do Rio (MAR) — museu-território na zona portuária da cidade, que mantém relações ativas com a vizinhança (Morro da Providência e Pequena África) — conversei com membras/os da Escola do Olhar. Patrícia Marys, Gerente de Educação, me passou o contato de Guilherme Carvalho, Educador, que disse que Ruanna Batista, Produtora, seria a pessoa certa para indicar a melhor opção. Caso é que na sala onde trabalham há pouca luz natural e o ar é condicionado. Ruanna sugeriu a Espada de Santa Bárbara. Expliquei que o pessoal do Renascença tinha pedido justamente esta planta e propus a Espada de São Jorge. Guilherme respondeu: “Seja qual for o presente será bem recebido e garanto que cuidaremos dela!” Levamos, então, uma bela Espada de São Jorge plantada em vaso de barro. Sempre o barro cozido. Guilherme passou a tarde conosco e, antes de fazermos nosso trabalho corporal e iniciarmos a conversa, nos levou para visitar quatro exposições: “A Construção do MAR e a Pequena África”, que conta a história de 10 anos do museu, “Um defeito de cor”, inspirada no livro de Ana Maria Gonçalves, “Aqui é o fim do mundo”, de Jaime Lauriano, e “Um Brasil para os brasileiros”, homenagem à Carolina Maria de Jesus.⁵

Uma história extraordinária que conheci ao longo dessa residência foi a biografia de Tia Ciata. Nascida em 1854 na Bahia, Ciata foi vendedora de quitutes, articuladora político-cultural, ativista-sambista, mãe de santo curandeira e diplomata. Ciata deu luz a 15 crianças. Figura chave no surgimento do samba carioca, realizava rodas em sua casa quando a prática era proibida por lei. O caso é o seguinte, Tia Ciata curou uma ferida na perna do então presidente da república, Venceslau Brás, e não aceitou remuneração — explicou que não receberia dinheiro praticando caridade. O presidente, que já havia tentado todos os tipos de tratamento sem sucesso, expressou sua gratidão transferindo o marido da curandeira, João Batista, da Imprensa Nacional para o Gabinete do Chefe de Polícia. Assim, as rodas de samba na casa de Tia Ciata puderam acontecer sem impedimentos, contando até com a presença de dois soldados para garantir a segurança. Igualmente localizada na Pequena África, mas em outro endereço, a Casa da Tia Ciata de hoje é um espaço cultural que “mantém viva a memória da matriarca do samba”, e também um espaço de debate e luta por políticas públicas para o fortalecimento

da cultura carioca. Quando perguntado sobre a melhor planta para presentear a casa, Nilson Nogueira da Silva, trabalhador voluntário no local, sugeriu uma Costela de Adão. No dia do encontro, nossa anfitriã foi Gracy Mary Moreira, bisneta de Tia Ciata. Outro dia, ela me mandou uma mensagem com uma foto da Costela em brotação: “Olha como está a planta (emoji de coração). Afrobjs (outro coração).”⁶

Para o Galpão Aplauso — escola artística e técnica fundada por Ivonette Albuquerque, que formou mais de 19.000 jovens nos últimos 20 anos — optamos por levar um Abacateiro. A escola foi construída em um aterro sobre a antiga Praia Formosa, antes ocupado pela Companhia Siderúrgica Nacional e depois pelo Armazém de Balanço de Finanças do Brasil. Além das oficinas para aprendizagem de ofícios (como empilhador/e/a, serralheira/e/o, soldador/e/a, técnica/o de luz e som), a escola inclui horta, teatro, cozinha, refeitório, salas de administração e um enorme galpão. Caminhamos por todos os espaços. As/os cerca de 400 alunas/es/os atualmente matriculadas/es/os estudam quatro modalidades artísticas — circo, música, dança, teatro — e uma técnica. A metodologia pedagógica privilegia as práticas corporais, criativas e investe na oralidade. O objetivo é ampliar as capacidades socioafetivas e, assim, as vidas pessoais e profissionais de jovens que muitas vezes não se adaptam às escolas tradicionais. Como explicou Ivonette enquanto visitávamos o espaço, o índice de empregabilidade das/es/os profissionais formadas/es/os no Galpão é excelente.⁷

Para o Centro de Artes da Maré (CAM) — “espaço de difusão das artes e da cultura para moradoras/es da região” — escolhi a Sansevieria Vitória. A elegância desta planta é extrema. Quem já viu sabe da densidade carnuda, do verde musgo aveludado com suaves rajadas, da linha grená finíssima, quase imperceptível, margeando cada folha larga e grossa. Na Maré, a Sansevieria passou a morar logo na entrada do CAM, um dos espaços de dança mais importantes da cidade, criado pela coreógrafa Lia Rodrigues e a Redes da Maré, que abriga a Escola Livre de Dança da Maré e a Lia Rodrigues Companhia de Dança (LRCD). A Escola Livre atende cerca de 300 pessoas por ano (jovens, adultas e na terceira idade), e se organiza em dois núcleos: um que agrega alunas/es/os em diversas oficinas, e o Núcleo 2, que reúne aproximadamente 20 estudantes bolsistas em processo

profissionalizante e em diálogo estreito com a LRCD. Todos os espetáculos da companhia são criados e estreados na Maré desde 2005. Faz anos desenvolve parceria artística com o CAM, sempre em diálogo com Lia Rodrigues e a dramaturgista Silvia Soter. Nos receberam para o encontro, Karoll Silva, dançarina e responsável pela Escola, e Marcos Diniz, Coordenador do Eixo Arte, Cultura, Memórias e Identidades da Redes da Maré. Começamos os trabalhos assistindo o ensaio de “Exercício E, de Encontrar e Esperançar”, espetáculo do Núcleo 2 com direção de Lia Rodrigues.⁸

E para o Galpão Bela Maré — “espaço cultural voltado para a democratização e difusão de múltiplas expressões artísticas, especialmente das artes visuais, iniciativa do Observatório das Favelas em parceria com a produtora Automatica” — levamos uma planta que conheci durante a residência. Fiquei só esperando o momento certo para incluí-la e calhou de ser na última mesa. A *Alocasia Zebrina* tem caule fino, longilíneo, zebreado, folha expansiva, ela toda uma espécie de flor bela e rara, uma planta que não parece ser deste mundo aqui. Nos foi dito por nossas anfitriãs — Anna Luisa Santos, Coordenadora de Educação, e Ivani Figueiredo do Nascimento, Educadora que nos apresentou o espaço —, que a *Alocasia* irá morar no Espaço Aberto de Convivência, lugar onde bate sol, onde circula gente e brisa nesse galpão que abriga uma biblioteca com cerca de 7.000 títulos, um cinema, espaço expositivo e recebe inúmeras escolas para visita. As portas do Galpão estão abertas entre terças e sábados das 10h às 18h. Moradoras/es do bairro são estimuladas/es/os a utilizar os banheiros unissex. O espaço oferece duas residências artísticas anuais, uma para participantes de até 18 anos e outra para maiores de idade. Como todas as outras casas visitadas, o Bela faz trama.⁹

É importante saber que a semente do Ipê Rosa, nossa planta nômade, foi encontrada em uma das caminhadas do *nós aqui, entre o céu e a terra* — ação comissionada pela 34ª Bienal de São Paulo (2021), que realizei com mais de uma centena de colaboradoras/es e envolveu 26 cadeiras de instituições públicas ligadas à educação, saúde, legislação e cultura, situadas em um raio de 5km ao redor do Parque Ibirapuera, onde está localizado o Pavilhão da Bienal.¹⁰ *nós aqui, entre o céu e a terra*, assim como a T R A M A, contou com a participação direta e dialógica

de dezenas de servidoras/es públicas/os. Ao longo de nove dias, as cadeiras foram transportadas pelas ruas de São Paulo desde suas instituições de origem até o espaço expositivo, uma por uma, erguidas em varas de bambu com três metros de altura cada (bambu é uma das minhas plantas favoritas, firme e flexível). Ou seja, o trabalho com as mesas nessa residência dá sequência ao movimento das cadeiras na bienal.

Quem catou as sementes de Ipê durante as caminhadas em São Paulo foi o fotógrafo do projeto e amigo Jaime Acioli. Como me explicou, Ipê é árvore nativa, símbolo da flora brasileira. A floração pode ser amarela, roxa, rosa ou branca. Escolhi o Ipê Rosa, pois não poderia faltar cor-de-rosa junto ao vermelho-tijolo, aos vários verdes das plantas e ao brilho das águas. Importante contar também que enquanto a muda de Ipê andava conosco pela cidade num vaso grande, presa no cinto de segurança do banco de trás, pesada que só, outra muda irmã crescia na minha casa. A primeira, como dito, foi plantada pelo coletivo no jardim da Prefeitura em dezembro de 2023, depois de emitidas as devidas autorizações. A outra, já grande ao lado da máquina de lavar, foi plantada em frente ao prédio onde moro no bairro do Flamengo, Rio de Janeiro. A empreitada exigiu perfuração de concreto, reforma do canteiro e foi conduzida pelos porteiros e amigos Mário Gomes da Silva e Adilson Luiz da Costa.

São muitas as histórias, os alinhamentos, as tranças, as alianças, muitas mesmo. Muitos os plantios. Mas sobre as plantas especificamente, talvez bastasse dizer que elas alimentam, oxigenam, sombreiam, fertilizam, curam, temperam, sustentam, embelezam, alucinam. Quando se juntam aos cantos e rezas, fazem mágica. Plantas nos ensinam sobre alteridade radical e, assim sendo, são força emblemática da T R A M A. Lidar com tanta gente, com pontos de vista e lugares de fala tão distintos, é extremamente desafiador, inevitavelmente conflituoso e altamente enriquecedor. Em uma movida que articula tantas diferenças, a alteridade é vivenciada como fonte de conhecimento e oportunidade de emancipação. Só a relação na diferença possibilitará a incorporação de capacidades e conhecimentos impensáveis antes do encontro. Só a aliança na diferença poderá quebrar a imobilidade do antagonismo. E a tramoia, como não poderia deixar de ser, se dá interespecies.

Água.

Sem água não tem gente, sem água não tem mesa, sem água não tem tijolo, sem água não tem planta, sem água não tem vida, sem água não tem nada.

Notas

- 1 SZYMBORSKA, Wislawa. “Filhos da época”. In: *[poemas]*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 77.
- 2 Site do Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira: <https://mangueira.com.br/site/>
- 3 Site da Casa do Jongo da Serrinha: <https://jongodaserrinha.org/>
- 4 Site do Renascença Clube: <https://renascencaclube.org.br/>
- 5 Site do Museu de Arte do Rio: <https://museudeartedorio.org.br/>
- 6 Site da Casa da Tia Ciata: <https://www.tiaciata.org.br/>
- 7 Site do Galpão Aplauso: <http://aplauzo.art.br/>
- 8 Site do Centro de Artes da Maré: <https://www.redesdamare.org.br/br/info/3/centro-de-artes-da-mare>
- 9 Site do Galpão Bela Maré: <https://www.belamare.org.br/>
- 10 Para mais sobre o trabalho, ver: FABIÃO, Eleonora. “fragmento arquivo: ‘nós aqui, entre o céu e a terra’”. In: *Revista Garrafa – Revista do PPG em Ciência da Literatura, Faculdade de Letras da UFRJ*, v. 21, n. 59, 2023. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/garrafa/article/view/62502>

9 encontros

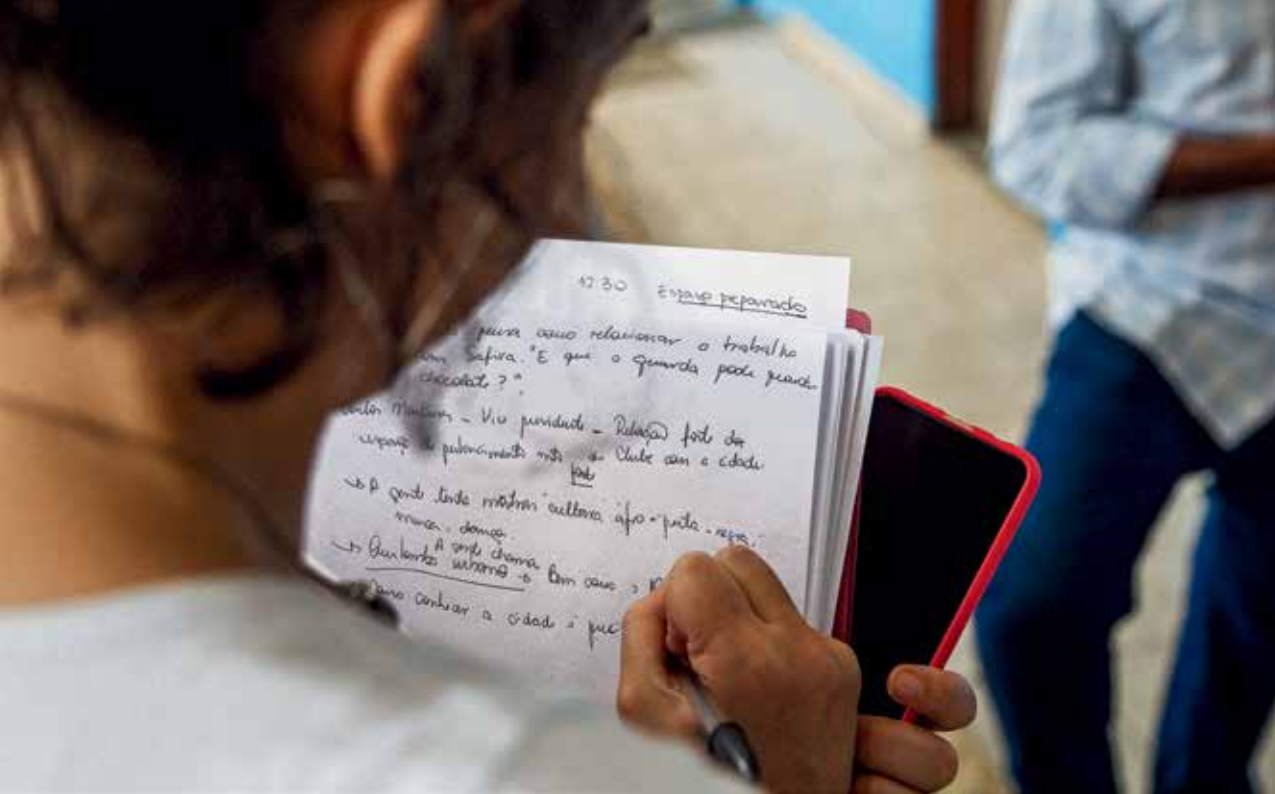
Foram nove encontros ao longo de 2023, sempre às sextas-feiras:

24 de março na quadra do G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira;
28 de abril na Casa do Jongo da Serrinha;
2 de junho no Renascença Clube;
30 de junho no Museu de Arte do Rio;
14 de julho na Casa da Tia Ciata;
25 de agosto no Galpão Aplauso;
29 de setembro no Centro de Artes da Maré;
20 de outubro no Galpão Bela Maré;
1 de dezembro na Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.



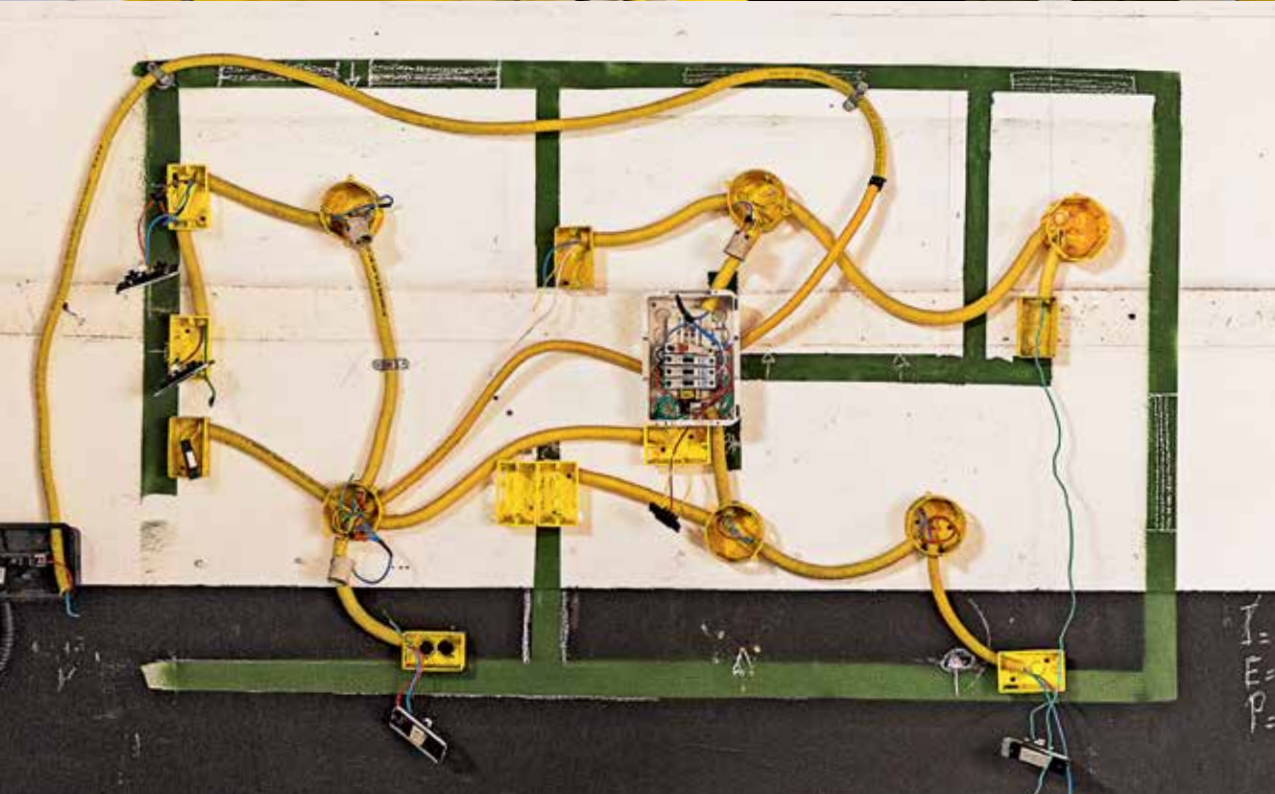


















O que devo colocar na parede do museu é o projeto de lei ele mesmo.

Não sei se impresso em pano.

Não sei se emoldurado.

Não sei se escrito diretamente na parede.

Talvez tudo isso.

Talvez nada disso.

A questão é entranhar até derrubar a parede.

(imaginando a T R A M A, outubro de 2022)

encontro #1

24 de março de 2023

mesa da quadra do Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira
Rua Visconde de Niterói, 1072 – Mangueira, Rio de Janeiro

servidoras/es

Amanda José Carneiro da Silva • Secretaria Municipal do Ambiente e Clima / SMAC

Angela Moreira • Empresa Municipal de Informática / IPLANRIO

Bruno Afonso Rego Rossato • Secretaria Municipal de Educação / SME

Daniella São Thiago • Secretaria Municipal de Saúde / SMS

Jana Libman • Companhia Municipal de Limpeza Urbana / COMLURB

Luciano Silveira • Secretaria Municipal de Educação / SME

Maria Clara Almeida • Gabinete do Prefeito / GBP - Coordenadoria de Gestão Institucional

Valéria Hazan • Secretaria Municipal de Planejamento Urbano / SMPU

anfitrião

Renato Moço • Diretor Cultural da Estação Primeira de Mangueira

plantas

Ipê Rosa e Primavera Rosa



encontro #2

28 de abril de 2023

mesa da Casa do Jongo da Serrinha

Rua Compositor Silas de Oliveira, 101 – Madureira, Rio de Janeiro

servidoras/es

Amanda José Carneiro da Silva • Secretaria Municipal do Ambiente e Clima / SMAC

Angela Moreira • Empresa Municipal de Informática / IPLANRIO

Bruno Afonso Rego Rossato • Secretaria Municipal de Educação / SME

Daniella São Thiago • Secretaria Municipal de Saúde / SMS

Jana Libman • Companhia Municipal de Limpeza Urbana / COMLURB (participação online)

Luciano Silveira • Secretaria Municipal de Educação / SME

Maria Clara Almeida • Gabinete do Prefeito / GBP - Coordenadoria de Gestão Institucional

anfitriões e anfitrião

Damiana Alves, Deli Monteiro, Dyonne Boy, Ivo Mendes, Lazir Sinval e Luana Ferreira, membras/os do grupo Jongo da Serrinha – sendo Deli, filha de Eva Emely e neta de Vovó Maria Joanna, Matriarca e Presidente da ONG Associação Grupo Cultural Jongo da Serrinha; Lazir, sobrinha neta de Tia Maria do Jongo, Coordenadora Artística do Jongo da Serrinha; e Ivo Mendes, filho de Tia Maria do Jongo, Vice-Presidente da ONG Associação Grupo Cultural Jongo da Serrinha.

plantas

Ipê Rosa e Bananeira



encontro #3

2 de junho de 2023

mesa do Renascença Clube

Rua Barão de São Francisco, 54 – Andaraí, Rio de Janeiro

servidoras/es

Angela Moreira • Empresa Municipal de Informática / IPLANRIO

Bruno Costa Lima Rossato • Secretaria Municipal de Educação / SME

Danielle Christine Gomes Messias de Sousa Dias • Secretaria Municipal de Educação / SME

Erika Soares Augusto Camacho de Moraes • Secretaria Municipal de Educação / SME

Gabriela Ribeiro Lourenço Silva • Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano
e Licenciamento / SMDU

Safira Aquino Gomes Soares • Guarda Municipal do Rio de Janeiro / GM-Rio

anfitrião

João Carlos Martins • Vice-presidente Cultural e Artístico do Renascença Clube

plantas

Ipê Rosa e Espada de Santa Bárbara



encontro #4

30 de junho de 2023

mesa do Museu de Arte do Rio - MAR

Praça Mauá, 5 – Saúde, Rio de Janeiro

servidoras/es

Amanda José Carneiro da Silva • Secretaria Municipal do Ambiente e Clima / SMAC

Danielle Christine Gomes Messias de Souza Dias • Secretaria Municipal de Educação / SME

Gabriela Ribeiro Lourenço Silva • Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano e Licenciamento / SMDU

Safira Aquino Gomes Soares • Guarda Municipal do Rio de Janeiro / GM-Rio

Angela Moreira • Empresa Municipal de Informática / IPLANRIO

anfitrião

Guilherme Carvalho • Educador da Escola do Olhar

colaborador

André Lepecki • interlocutor

plantas

Ipê Rosa e Espada de São Jorge



encontro #5

14 de julho de 2023

mesa da Casa da Tia Ciata

Rua Camerino, 5 – Centro, Rio de Janeiro

servidoras/es

Bruno Costa Guimarães • Secretaria Municipal da Educação / SME

Christiane de Araújo • Secretaria Municipal de Saúde / SMS

Ellen Cristina Pereira Zacarias • Secretaria Municipal de Assistência Social / SMAS

Genésio Gregório Filho • Guarda Municipal / GM-Rio

George de Souza Alves • Instituto Fundação João Goulart / FJG

Paula de Oliveira Camargo • Secretaria Municipal de Planejamento Urbano / SMPU

Viviane Soares Pinheiro • Secretaria Municipal de Saúde / SMS

anfitriã

Gracy Mary Moreira • Diretora da Casa, bisneta de Tia Ciata

colaboradores

Nilson Nogueira da Silva • voluntário na Casa da Tia Ciata

Antony Matos Ceverino • voluntário na Casa da Tia Ciata

plantas

Ipê Rosa e Costela de Adão



encontro #6

25 de agosto de 2023

mesa do Galpão Aplauso

Rua General Luís Mendes de Moraes, 50 – Santo Cristo, Rio de Janeiro

servidoras/es

Christiane de Araújo • Secretaria Municipal de Saúde / SMS

Ellen Cristina Pereira Zacarias • Secretaria Municipal de Assistência Social / SMAS

Genésio Gregório Filho • Guarda Municipal / GM-Rio

George de Souza Alves • Instituto Fundação João Goulart / FJG

Viviane Soares Pinheiro • Secretaria Municipal de Saúde / SMS

anfitriã

Ivonette Albuquerque • Fundadora e Diretora do Galpão Aplauso

plantas

Ipê Rosa e Abacateiro



encontro #7

29 de setembro de 2023

mesa do Centro de Artes da Maré

Rua Bittencourt Sampaio, 181 — Nova Holanda, Rio de Janeiro

servidoras

Ana Luisa Silva da Silveira • Companhia Municipal de Limpeza Urbana / COMLURB

Claudia Maria Dantas • Procuradoria Geral do Município do Rio de Janeiro / PGM

Eremita Medeiros dos Santos • Secretaria Municipal de Ambiente e Clima / SMAC

Michelle Silva Blandy • Secretaria Municipal de Saúde / SMS

anfitriã e anfitrião

Karoll Silva • responsável pela Escola Livre de Dança da Maré, no Centro de Artes da Maré

Marcos Diniz • Coordenador do Eixo Arte, Cultura, Memórias e Identidades da Redes da Maré

plantas

Ipê Rosa e Sansevieria Vitória



encontro #8

20 de outubro de 2023

mesa do Galpão Bela Maré

Rua Bittencourt Sampaio, 169 – Nova Holanda, Rio de Janeiro

servidoras

Eremita Medeiros dos Santos • Secretaria Municipal do Ambiente e Clima / SMAC

Michelle Silva Blandy • Secretaria Municipal de Saúde / SMS

anfitriãs

Anna Luisa Santos • Coordenadora de Educação do Galpão Bela Maré

Ivani Figueiredo do Nascimento • Educadora do Galpão Bela Maré

plantas

Ipê Rosa e Alocasia Zebrina



encontro #9

1 de dezembro de 2023

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro

Rua Afonso Cavalcanti, 455 – Cidade Nova, Rio de Janeiro

Prédio Anexo, 10º andar, Ala B, Centro de Treinamento Marion Costa

servidoras/es

Ana Luisa da Silveira • Companhia Municipal de Limpeza Urbana / COMLURB

Angela Moreira • Empresa Municipal de Informática / IPLANRIO

Bruno Afonso Rego Rossato • Secretaria Municipal de Educação / SME

Christiane de Araújo • Secretaria Municipal de Saúde / SMS

George de Souza Alves • Instituto Fundação João Goulart / FJG

Jana Libman • Companhia Municipal de Limpeza Urbana / COMLURB

Luciano Silveira • Secretaria Municipal de Educação / SME

Michelle Blandy • Secretaria Municipal de Saúde / SMS

anfitriã

Rafaela Dias Romero • Subsecretaria de Gente e Gestão Compartilhada / SUBGGC

colaboradoras/es

André Lepecki • interlocutor

Luciano Cerqueira • Samambaia Filantropias

Vanessa Cortes • Secretaria de Planejamento e Gestão do Estado do Rio de Janeiro

planta

Ipê Rosa



14 fios

Antes de tecer, é preciso fiar. Fios são feitos de fibras torcidas. As torções geram força e coesão. Daí, com as fibras firmadas em fios, faz-se tecido e costura. É preciso trama para fazer trama.

Partilho aqui 14 fios que fiei ao longo do processo, algo como um feixe de linhas éticas do trabalho. O ideal seria que cada participante pudesse oferecer suas próprias reflexões. Assim, ficariam explícitas as concordâncias e discordâncias, os consensos e dissensos, o processo de torções e alinhamentos que caracteriza ações coletivas e dialógicas. Por ora, contaremos com as minhas anotações para sua consideração. Uma espécie de glossário de palavras-chave em ordem alfabética e ligadas entre si.

aliança

Apenas o vínculo real da comunidade com o projeto garantirá seu crescimento e permanência. Ou seja, antes de mais nada, é preciso conhecer e escutar agentes locais. É preciso conhecer os projetos em andamento nos territórios. É fundamental ver, ouvir, compreender o que já está em processo para trabalhar junto. Para prosperar, a prática precisa ser coletiva, dialógica e situada. E importante, mesmo que os lugares se pareçam, muitas vezes os encaminhamentos não devem ser os mesmos. Trocando em miúdos, a vida dos projetos, e assim o retorno do investimento público realizado, depende do fortalecimento de vínculos locais, da firmação de alianças.

arte de ação

Como arte de ação, a T R A M A se faz envolvendo diretamente os corpos. Aqui, pensamento e ação são coisa corporal. É por meio dos corpos singulares e coletivos que fazemos o que precisa ser feito. Daí a importância dada à política dos afetos e aos modos relacionais em cada encontro. Daí a importância de conduzir práticas corporais no começo de todas as reuniões para a espacialização do corpo e a incorporação do espaço, nosso modo respeitoso de chegar nas casas e nos aproximarmos umas/es/uns das/es/os outras/es/os. Nos primeiros encontros com cada grupo, tratávamos de abrir espaço interno por meio de torções, alongamentos e transferências de peso; tratávamos de deixar luz entrar por onde raramente entra – axilas, orelhas, narinas, boca, nuca, virilha, sexo, entre os dedos. Quanto mais amplo o espaço interno, mais permeabilidade e receptividade. Nos segundos encontros, o foco passava para o toque. Em trios despertávamos as três estruturas: pele, músculos e ossos. Uma pessoa era tocada por duas – ativávamos a pele com toques suaves, os músculos com pegadas firmes e o esqueleto com batidas precisas. Há um tipo de atenção, de confiança, de cumplicidade que só pode ser construída corporalmente. Há um tipo de abertura que precisa ser literalmente operada no corpo. Há um tipo de vibratilidade interno-externo que não está dada, que precisa ser estimulada. Há um tipo de fala e de escuta que se faz de corpo inteiro.

corpo

O corpo da trama não acaba na pele. Neste corpo, é corpo também o que no corpo não está. O mundo faz parte do corpo. E assim como o mundo, o corpo é coisa que se faz. Todos os dias. Todos os dias vamos fazendo corpo por meio de nossas ações e sendo feitas/es/os por nossos contextos. Ou seja, o corpo nunca estará feito e desde sempre é coletivo – vai fazendo, se fazendo e sendo feito nas relações. Corpo-mundo que gera o mundo-corpo que o gera. Corpo-mundo e mundo-corpo

gerando suas incompletudes recíprocas. Talvez outro nome para isso seja movimento.

democracia

Ao longo do ano, foi ficando nítido como “democracia”, para além de um regime político, é uma prática, um conjunto de práticas cotidianas e coletivas. Viver em democracia é estar em processo permanente de elaboração democrática. Para afastar as noções de “democracia iliberal” e “democracia autoritária”, formulações absurdas, mas correntes em um momento histórico de ascensão da extrema direita e de paixão pela irrazoabilidade, é preciso ação coletiva e determinada. Cabe ao governo democrático não apenas consolidar o voto popular cumprindo seu programa de campanha, mas estimular e apoiar iniciativas republicanas promovidas por cidadãos/ãos. É prioridade fortalecer o diálogo entre o setor público e a sociedade civil, fomentar ações concretas nesse sentido. É preciso renovar permanentemente os vínculos, as alianças e, para isso, os modos de encontro, de fala e de escuta.

desafios

Com frequência servidoras/es apontam três grandes desafios: dificuldade de comunicação interna, dificuldade de engajamento da população com as propostas governamentais e dificuldade de dar continuidade aos projetos em andamento com as mudanças de gestão. Quanto à dificuldade de comunicação interna, chegamos a rir de nervoso especulando sobre a implantação de uma, imagina, “divisão de articulação” para “integrar a repartição”. Recuamos rapidamente diante do perigo de inserir um elemento supostamente facilitador que, no final das contas, acarretaria em mais burocracia e custo. Avançamos o debate no sentido de criar mecanismos para que cada servidor/e/a entenda melhor o funcionamento geral de sua secretaria e da Prefeitura como um todo, por meio de ações coletivas de acolhimento na entrada, de formação continuada durante os anos de trabalho e de passagem de saberes ao fim da carreira. No sentido de, programaticamente, estimular ações que articulem distintos setores e valorizem entendimento sistêmico. Quanto aos

outros dois desafios – engajamento da população e continuidade dos projetos entre gestões – nos pareceu que o trabalho situado, coimaginado e implementado *com* as comunidades (e não *nas* comunidades ou *para* elas), é um caminho que estimula participação. É preciso experimentar e investir mais nesse sentido. E uma vez implantado, firmado e frutífero, será mais difícil interromper o projeto em andamento com o início de uma nova gestão. Quanto mais profunda a raiz, mais difícil arrancar a planta. Uma questão de afinco, de afinçamento.

escuta

“Pedagogia da escuta” é tema de pesquisa do servidor Bruno Costa Lima Rossato na educação infantil. 1746 é o telefone da Central de Atendimento ao Cidadão, amplo setor de comunicação da prefeitura onde atua a servidora Danielle de Sousa Dias. Erika de Moraes trabalha na Assessoria de Comunicação Social da SME. São muitas servidoras e servidores lidando de maneiras diversas com a escuta na relação com a população carioca. Na T R A M A buscamos transformar queixa em questão, e questão em proposta de ação; juntar ouvidoria com “propostaria”. Porém, como conversamos, uma ouvidoria não recebe somente críticas e reclamações, chegam também elogios e agradecimentos que confirmam e desdobram ações e propostas. O movimento é dialógico e processual. Outra dimensão de escuta fundamental na T R A M A diz respeito ao fato de que buscamos facilitar diálogo entre profissionais com formações em áreas múltiplas, ou seja, foi preciso frequentemente afinar a escuta no esforço de compreender as distintas linguagens e pontos de vista. Afinal, nos interessava imaginar coletivamente não “apesar” das diferenças, mas por meio delas. E ainda, nos encontros buscamos escutar não apenas pessoas, mas casas, contextos, territórios, histórias, ancestralidade; matérias visíveis e invisíveis, tangíveis e intangíveis. É evidente, mas não custa enfatizar: não há lugar neutro, não há gente neutra, nada é neutro, nem sabonete neutro é neutro. A escuta é, portanto, uma chave tanto epistemológica como metodológica para que propostas sejam elaboradas dialogicamente e implantadas colaborativamente.

guarda

Participaram da residência dois membros da Guarda Municipal do Rio de Janeiro: Genésio Gregório Filho e Safira Aquino Gomes Soares. Nos perguntamos o que a Guarda guarda e como a Guarda guarda o que guarda. E nos perguntamos também quem guarda a/o guarda. Ao longo dos meses fomos compreendendo a importância dessa/e profissional que recebe formação multidisciplinar – estuda matérias como direitos humanos, língua portuguesa, treinamento operacional e, recentemente, comunicação não-violenta foi incluída no currículo. Safira comenta que a Guarda do Rio é referência no país. Ambos, Safira e Gregório, concordam que é preciso buscar aproximar a Guarda e a comunidade para que zelem pela cidade em relação de proximidade e não de confronto. Gregório aponta uma confusão comum que se faz entre a segurança pública e as forças armadas. A função da Guarda Municipal, guarda desarmada, é proteger “serviços, bens e instalações”, tarefas como a Ronda Escolar e a Guarda Ambiental. É interessante notar como vários projetos da T R A M A incluem a Guarda Municipal como guarda comunitária, um elo de ligação entre a comunidade e a cidade, um elemento conectivo, um referente de cuidado para a manutenção do bem comum.

mundo-escola

A T R A M A enxerga escolas por toda parte. Enxerga escolas onde geralmente não se enxergam escolas. Parque ambiental é escola, como propôs a servidora da Secretaria do Ambiente e Clima, Amanda José Carneiro da Silva. Caminho para a escola é escola; padaria é escola; vó é escola. O primeiro encontro do primeiro grupo, não por acaso, foi realizado em uma tradicional escola de samba do Rio, sugestão de Rafaela Bastos e Bárbara Nascimento (FJG). De saída, a quadra da Mangueira já expandiu as noções de aprendizagem e educação. A quadra, o lugar em si, já nos ensinou que espaços ensinam e como espaços ensinam. Escola é ponte e não muro, como nos fizeram perceber as/os tantas/os servidoras/es da Secretaria Municipal de Educação que participaram dos encontros. No mundo-escola, prevalece a ética da aprendizagem permanente. Prevalece o propositivo, o construtivo, o receptivo, o integrativo. Como professora universitária, sempre

entendi a porta da sala de aula como uma espécie de portal – uma vez atravessado, tudo ali se torna, simultaneamente, professor/e/a e aluno/e/a; tudo e todas/es/os aprendem e ensinam, cada qual à sua maneira. Somos estudantes.

pedrinha

No encontro realizado no Galpão Aplauso, nossa anfitriã, Ivonette Albuquerque, citou uma de suas alunas, a Val Rodrigues. Quando questionada sobre como enfrentar a estrutura extremamente rígida e cruel da sociedade brasileira – fundada em disparidade social, racismo e sexismo –, Val disse: “É simples, a gente vai tirando uma pedrinha que não é boa e vai colocando outra no lugar. De pedrinha em pedrinha não tem o risco de desmoronar e a gente vai aos poucos mudando a estrutura” (ata #6, 25/8/2023). De cobogó em cobogó, a gente vai construindo pontes e instituindo institucionalidades.

política

Outro debate recorrente entre servidoras/es: a importância de desenvolver ações preventivas ao invés de ações paliativas e assim reverter o permanente regime de urgência que exaure trabalhadoras e trabalhadores. De acordo com depoimentos de funcionários de distintos setores, a ação preventiva seria mais barata, e os benefícios, a médio e longo prazo, maiores. Porém, como se costuma dizer, “apagar incêndios” garante maior visibilidade e, por isso, angaria mais votos. O serviço público e a politicagem, apesar da mais profunda dissemelhança, acabam tornando-se dois lados da mesma moeda. Por isso, é preciso sempre enfatizar a radical diferença entre a politicagem individualista oportunista e a política como ação coletiva voltada para o coletivo. Algo que, como alertou Hannah Arendt, pode desaparecer caso não cultivemos encontro, reunião, debate. Há que, apesar das flutuações partidárias e das possíveis manipulações do serviço público no jogo politiquês, firmar alianças duradouras entre servidoras/es nas secretarias e com as comunidades. Há que seguir elaborando pensamento político, instigando imaginação política, fazendo vida política. E, sugiro, ações artístico-culturais são referentes da maior importância nesse movimento.

proliferação

Ouvi dizer que a servidora Daniella São Thiago (Secretaria Municipal de Saúde), lotada no Museu Bispo do Rosário, membra do primeiro grupo, está elaborando uma proposta. Daniella está pensando em realizar rodas de conversa aos modos da T R A M A, convidar servidoras/es de outras secretarias para refletirem juntas/es/os sobre assuntos específicos do seu setor. Ela trará a questão e todas/es/os pensarão encaminhamentos colaborativamente. Depois, outras/es/os participantes poderão fazer o mesmo. Assim é: tramas se derivam em tramas que se derivam. São muitas pedrinhas, tijolos e mesas. São pessoas dialogando, plantas em ciclos e águas correndo. Como sabemos, os percalços existem e são rígidos, mas há muito movimento e força vital.

quilombismo

Ao longo do ano, por conta das parcerias estabelecidas, o quilombismo se tornou uma referência determinante. Abdias do Nascimento, fundador do Teatro Experimental do Negro, artista e economista, explica que “o quilombismo tem sido a adequação ao meio brasileiro do comunitarismo e/ou ujamaísmo da tradição africana”.¹ Como sistema econômico, todos os “elementos básicos são de propriedade e uso coletivo. Uma sociedade criativa no seio da qual o trabalho não se define como uma forma de castigo, opressão ou exploração; o trabalho é antes uma forma de libertação humana que o cidadão desfruta como um direito e uma obrigação social”.² A historiadora e ativista Beatriz Nascimento afirma que quilombos são “sede interior e exterior de todas as formas de resistência cultural”.³ O mestre quilombola, Antônio Bispo dos Santos, entende que as cidades estão em “territórios de quilombos” – por exemplo, “nos quilombos onde está Minas Gerais estão as mais importantes expressões contracolonialistas compostas por nosso povo afroconfluente”.⁴ A T R A M A, uma ação realizada no território de quilombos onde está a cidade do Rio de Janeiro, aprende com forças e inteligências quilombolas arte de abrir caminho. Pedimos licença para nos aproximarmos, permissão para, na medida do nosso alcance, aprendermos, e agradecemos respeitosamente as parcerias firmadas na Mangueira, Serrinha, Andaraí, Pequena África e Maré.

rede

Na T R A M A pensamos em rede, fazemos parte de redes e colaboramos com muitas redes. São inúmeras as iniciativas da sociedade civil e ações governamentais afinadas com nossas buscas. Ao longo do ano, pesquisamos ótimos projetos no Rio, em outras cidades brasileiras e no exterior – alguns em andamento, outros finalizados e outros descontinuados com mudanças de gestão. São exemplos: “Quintais Produtivos”, “Escolas de Agricultura Familiar”, “Rio Hortas”, “Hortas Cariocas nas Escolas”, “Ciclo Orgânico”, “Revolução dos Baldinhos”, “Guardiões dos Rios”, “Rios do Rio”, “Doação de Mudanças”, “Núcleo Interdisciplinar de Articulação Pedagógica”, “Escolas do Amanhã”, “Rio Escola sem Preconceitos”, “Tô de Boa”, “Rio Cidade Cidadã”, “Bairro Educador”, “Meu Bairro, Meu Ambiente”, “Conselhinho da Cidade”, “Projeto Escuta Ativa”, “Trilhas Identitárias”, “Centro Nordeste de Medicina Popular”, “Casa da Mulher Carioca”, “Casa das Mulheres da Maré”, “Naves do Conhecimento”, “Varal Solidário”, “Prato Feito Carioca: Cozinhas Comunitárias”, “Pousos”, “Dia do Bota-Fora”, “Pró-reitoria de Extensão da UFRJ”, “Bibliotecas de Rua”, “Fábrica de Cultura”, “Fábricas de Praças”, “Parque Uaná Etê”, “Mongaba”. Muitas destas iniciativas foram mencionadas, debatidas e inspiraram nossas propostas. Porém, e isso é fundamental, sempre focamos nas especificidades da nossa residência para a formulação das proposições: uma Residência Artística no Setor Público, um projeto artístico que não separa as dimensões estética, social, política e espiritual. Na T R A M A, conteúdo e forma são indissociáveis, ou seja, os modos como desenvolvemos o trabalho especulativo são determinantes – a perspectiva corporal é fundamental, imaginar coletivamente é o cerne do movimento, a diversidade de saberes é imprescindível, congregando artistas e não-artistas é chave, a política vibracional das coisas é determinante, sentir a força dos lugares é decisivo, e experimentação é modo de operação. A T R A M A faz parte de uma extensa rede de projetos culturais e sociais com a especificidade de ser uma ação artística. A residência contribui, na medida de suas especificidades e de seu alcance, como arte de abrir caminho.

renovação

Não nos interessa o invencionismo, o criativismo, a novidade. Na T R A M A não se trata de “inovar”, de criar “propostas inovadoras” – é preciso atentar para as palavras e seus campos semânticos (palavras são fonte de energia muito forte). Buscamos, isso sim, as renovações biointegrativas urgentes que nossas circunstâncias exigem. Procuramos caminhos contracoloniais baseados em relações colaborativas, transdisciplinares e interespécies.

tempo

Os projetos imaginados na residência demandam tempo e comprometimento de todas/es/os as/es/os agentes envolvidas/es/os em sua realização – governantes, servidoras/es, cidadãos/ãos. Muitos deles se baseiam em mudanças coletivas de hábito, em reeducação comportamental, em experimentação (que demandará ajustes que demandarão novas experimentações que demandarão novos ajustes que demandarão). Desde os primeiros encontros foi importante entender que “projeto” aqui significa “processo”. Que mesmo quando implantado, um projeto seguirá em estado processual. É coisa viva, coletiva. Que esse é o tipo de pragmatismo e objetividade da T R A M A. A servidora Eremita Medeiros dos Santos, da Secretaria Municipal do Ambiente e Clima, propõe a noção de “cidadania ambiental” e chama atenção para o fato de que as ações acontecem em curto, médio e longo prazo, envolvendo tanto relações imediatas e visíveis, como relações amplas e não evidentes. Argumenta ser fundamental estimular a participação da população respeitando os tempos de adesão. Enfatiza que as propostas devem trazer benefícios concretos e diretos para a comunidade. Mas, e isso é determinante, é preciso persistência e dedicação. Persistência e dedicação. Suponhamos que um novo mobiliário colocado em uma praça seja propositalmente danificado. Será preciso reformar o mobiliário quantas vezes necessário for até que não seja mais danificado. Será preciso entender que a destruição do objeto não é a destruição do projeto, mas uma fase do processo de implantação. Resistir à mudança faz parte do processo de mudança. Afinal, como conversamos em nossos encontros, há uma grande diferença entre seguir propósitos e cumprir metas. É uma questão de lógicas, de temporalidades,

de motivações, de objetivos, de modos. E também de linguagem, de palavras e seus campos semânticos. Uma questão de diferenciar a lógica do propósito da lógica da meta; de afirmar a temporalidade processual para que possam acontecer mudanças de hábitos; de entender a força daquilo que se legitima por meio de pactos graduais; de enfrentar a ansiedade assistencialista e recusar o imediatismo. Ações sustentáveis exigem o tempo da firmação de alianças. E voltamos à primeira palavra do glossário: “aliança”.

Notas

- 1 NASCIMENTO, Abdias do. “Quilombismo: um conceito científico histórico-social”. In: *Quilombismo – documentos de uma militância pan-africanista*. Petrópolis: Editora Vozes, 1980, p. 263.
- 2 *Ibid.* p. 264.
- 3 NASCIMENTO, Beatriz. *Uma história feita por mãos negras – relações raciais, quilombos e movimentos*. Alex Ratts (org.). Rio de Janeiro: Zahar, 2021, p. 160.
- 4 SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/Piseagrama, 2023, p. 43.

0

1

14

4

19

6

39

9

0 1

4

6

9

11

14

19

39

92

39 6
4
14
19 0 1
9 92

Este é um momento delicado deste livro. Delicado porque pede que você compreenda que as propostas apresentadas a seguir estão em processo, que os textos estão em formação. Este não é o documento final de uma conferência ou de uma audiência pública, um programa de metas fechado ou um plano de desenvolvimento exaustivamente discutido. A residência teve a duração de um ano e chegamos até aqui. O objetivo deste livro, escrito de maneira simples e direta para ser lido por quem queira, é partilhar o trabalho realizado e estimular o exame, o aperfeiçoamento e, torcemos, a implantação das sugestões especuladas nos encontros. Não faria sentido esperar que todas as propostas fossem debatidas nas instâncias específicas da prefeitura, plenamente formatadas e orçadas para então divulgá-las. O que se segue é uma abertura de processo, são esboços de propostas. E como a palavra diz em uma de suas acepções, “propostas” são ofertas, oferecimentos.

Importante também dizer que as 19 ofertas do coletivo T R A M A – todas de cunho sociocultural inclusivo e viés ecológico integrativo – foram elaboradas sem envolver discussões partidárias. Questões desta ordem não foram trazidas para o debate. Porém, sabemos, para serem efetivadas as propostas terão de ser incorporadas em mandatos específicos. Caso aceitas, as propostas farão parte de planos de governo com os quais poderemos nos identificar ou não. É um risco que corremos. Sabemos também que fora da relação com a equipe artística, propostas poderão ser eventualmente distorcidas em seus propósitos. Sabemos que nosso trabalho poderá ser até utilizado

como instrumento de propaganda. Ou, ao contrário, que as propostas poderão ser completamente desvinculadas da residência, que a T R A M A poderá simplesmente desaparecer como se a RASP nunca houvesse existido, como se o gesto artístico não fosse fonte, referência e força aqui. Sim, os riscos são muitos, mas a questão é uma só: cruzar os braços ou, com determinação e gentileza, fazermos o que acreditamos precisa ser feito para criarmos a cidade onde queremos morar, para vivermos a vida que queremos viver? Deixar a arte no canto dela ou fazer arte de abrir caminho? No campo estético-político, sabemos, é preciso lidar com contradições, dialogar, debater, disputar narrativas, correr riscos, experimentar, lutar pela realização das ideias que planteamos, negociar e não negociar o que for inegociável.

Daí a importância deste livro. Como desconhecemos os rumos que o movimento tomará, fica afirmado aqui o caráter fundamentalmente político dessa ação artística, porém não por meio da perspectiva partidária; fica inscrita aqui a vivência de um grupo de cidadãos e cidadãs que se engajaram em uma residência artística no setor público; fica posta aqui nossa motivação coletiva de fazer experimentação artística e imaginação política; fica registrada, em forma de livro de arte, uma experiência colaborativa vivenciada em lugares de força da cidade, com o apoio de agentes da sociedade civil especialistas em tramar; fica narrada uma série de encontros entre artistas e lideranças da Prefeitura do Rio de Janeiro – servidoras/es participantes dos projetos Líderes Cariocas e Rio Liderança Feminina, um grupo de profissionais que se dispôs a fazer T R A M A ofertando seu tempo, expertise e sensibilidade, ofertando suas visões de cidade e de mundo. Fica colocada aqui a oferta, o oferecimento.

Vanessa Cortes, servidora na Secretaria de Planejamento e Gestão do Estado do Rio de Janeiro, me auxiliou no agrupamento e na redação das propostas a seguir. Os textos que redigimos juntas foram revistos por mim de acordo com os debates realizados no último encontro da residência no Centro de Treinamento Marion Costa,

da Prefeitura do Rio de Janeiro,¹ onde estiveram presentes 12 servidoras/es, além de convidadas/es/os, equipe artística e a própria Vanessa. Assumi a finalização da escrita, pois seria inviável realizar uma nova série de encontros coletivos com este propósito. E optei por não cortar nenhuma proposta aventada ao longo do ano, pois estamos ainda num momento de levantamento de material. Por ora, os textos apresentam informações básicas, o suficiente para o delineamento inicial dos projetos-piloto a serem implantados em locais específicos da cidade.

Dialogar com quem está com a mão na massa é fundamental e, por isso, a T R A M A se fez com servidoras/es trabalhando na linha de frente. Afinal, como diz o ditado, “de boas intenções o inferno está cheio”. Uma proposta pode até ser boa no papel – como ideia descarnada, proposição genérica –, mas quando confrontada com as circunstâncias, com as dificuldades preexistentes e os problemas do momento, pode simplesmente não fazer sentido. Sabemos: cada comunidade tem suas urgências, histórias, singularidades. Sabemos: escolas, hospitais, parques, clínicas, universidades, centros culturais, instituições firmadas na inteligência e no empenho cotidiano de gente trabalhadora, não são laboratórios de execução de projetos. Há sim, o risco da abstração, do generalismo, da inadequação. E novamente, a pergunta se coloca: cruzar os braços ou ofertar nossas ideias? Optamos pela segunda por acreditar que a matéria-proposta é acima de tudo um disparador de pensamento e imaginação, mesmo que as ideias não se encaixem nas urgências do momento.

Ao longo do ano, foi crucial consultar especialistas em gestão pública para avaliar e confirmar a exequibilidade das propostas. Algumas, acreditamos, são de implementação relativamente simples; outras exigem muito mais reflexão, maturação e detalhamento. Em todas acrescentamos sugestões logísticas e financeiras. Volto a enfatizar: foi muito importante nos permitirmos imaginar, vislumbrar, conjecturar, especular, desejar, idear coletivamente. Não foi tarefa fácil temperar ceticismo (“isso não dá”, “isso não pode”, “isso não tem jeito”), precaução (“isso temos que ver com muito jeito”, “aqui é preciso esperar”, “talvez por ali”) e arranque propositivo (“isso dá”, “podemos propor assim”, “tem esse jeito”). Não foi tarefa fácil temperar as personalidades, as experiências de vida, os entendimentos de cidade, os lugares de fala e de escuta de cada um/a/e de nós. Mas, é assim mesmo, na arte

chegamos muitas vezes na beirada dos sentidos e das possibilidades. Ou ainda, com a arte fazemos sentido coletivamente e abrimos possibilidades. A arte desloca, descoloca, descola, decola as coisas. Suspende e abre espaços, dimensões. E para fazer arte é mesmo preciso muito corpo.

Em dezembro de 2023, as propostas do coletivo T R A M A foram entregues ao Instituto Fundação João Goulart, que se prontificou a encaminhar aquelas que dizem respeito às secretarias específicas para pessoas responsáveis em cada setor. Já as propostas interseccionais, que articulam várias secretarias, seriam aprimoradas em Grupos Transversais de Trabalho (GTTs) no próprio instituto. Nos oferecemos, artista e curadora, para seguir colaborando no andamento dos trabalhos, auxiliando na formatação e implantação dos projetos-piloto, contribuindo com nossa visão artística e profundo conhecimento dos processos especulativos-imaginativos que levaram a cada proposta. Expressamos nossa crença de que a força estética e conceitual da T R A M A seria determinante para o encaminhamento dos projetos, e nos disponibilizamos a participar da maneira e na medida que pareça mais adequada. Como artista, sei que determinação, implicação corporal e espírito crítico propositivo são componentes essenciais para fazer coisas acontecerem. Como nos foi dito, 2024 foi ano de eleições municipais, o que desacelerou o andamento do projeto, e depois das eleições, o FJG migrou para a Secretaria Municipal da Casa Civil, o que vem exigindo trabalho de reestruturação interna. De nosso lado, a escrita deste livro amadureceu entendimentos, nos fortaleceu e estamos prontas para prosseguir. Sim, seguiremos buscando contato. “Sim”, “uma palavra pequena e sagrada e indócil, ao mesmo tempo.”²

Partilho a seguir as 19 propostas elaboradas pelos quatro grupos – nomeados “Repartição”, “Ouvidoria”, “Territórios” e “Relações Integrativas”, de acordo com os focos de interesse de cada coletivo. As ofertas estão subdivididas em três eixos:

1. Servidor/e/a: entrar, estar e dar continuidade ao serviço público;
2. Cidades e Relações Integrativas: transformar espaço urbano em espaço público;
3. Juventudes e Relações Integrativas: cidadanias juvenis e relações intergeracionais.

EIXO 1 • SERVIDOR/E/A: ENTRAR, ESTAR E DAR CONTINUIDADE AO SERVIÇO PÚBLICO

- T R A M A #1** integração na repartição: aulas de corpo no serviço público
- T R A M A #2** recepção de servidoras/es ingressantes: visão global da Prefeitura com grupos de recém-concursadas/es/os de distintas áreas
- T R A M A #3** transmissão de conhecimento e memória institucional: podcast de entrevistas com servidoras/es em processo de aposentadoria
- T R A M A #4** bem-estar nas repartições

EIXO 2 • CIDADANIAS E RELAÇÕES INTEGRATIVAS: TRANSFORMAR ESPAÇO URBANO EM ESPAÇO PÚBLICO

- T R A M A #5** mobiliário público em praças, largos e jardins
- T R A M A #6** brinquedos nas praças para todas as idades e repertórios de mobilidade
- T R A M A #7** fontes de água potável
- T R A M A #8** sanitários públicos
- T R A M A #9** campanha publicitária: “Por uma sociedade colaborativa”
- T R A M A #10** clínica coletiva de psicoterapia como serviço público
- T R A M A #11** do balde à cesta: programa de compostagem e plantio no bairro
- T R A M A #12** circulação de doações: serviço de recolhimento e repasse (roupas, objetos, móveis)
- T R A M A #13** rede de lideranças comunitárias: encontro entre lideranças e com a Prefeitura

EIXO 3 • JUVENTUDES E RELAÇÕES INTEGRATIVAS: CIDADANIAS JUVENIS E RELAÇÕES INTERGERACIONAIS

- T R A M A #14** jovens universitárias/es/os: ações comunitárias voluntárias como disciplina universitária
- T R A M A #15** jovens curiosas/es/os em Pontos de Cultura
- T R A M A #16** seminários interescolas: apresentação dos bairros
- T R A M A #17** rede de memória local nas escolas
- T R A M A #18** conhecendo profissionais do bairro nas escolas
- T R A M A #19** estímulo à cidadania participativa nas escolas

EIXO 1 • SERVIDOR/E/A: ENTRAR, ESTAR E DAR CONTINUIDADE AO SERVIÇO PÚBLICO

T R A M A #1

integração na repartição: aulas de corpo no serviço público

Oferecer aulas de consciência corporal nas repartições. O trabalho de consciência corporal é fundamental para o bem-estar geral, em especial de profissionais que trabalham com ações repetitivas e/ou muito tempo sentadas/es/os. O objetivo é cuidar da saúde de quem cuida da cidade por meio de uma atividade voltada para integração pessoal e coletiva. Acessibilidade e inclusão devem ser garantidas.

tempo: 2 vezes por semana, 1h cada vez.

agentes: servidoras/es interessadas/es/os; coordenador/e/a do projeto e professoras/es contratadas/es/os.

local do projeto-piloto: dependências da COMLURB.

logística: organização de local para realização da atividade e liberação para quem queira participar.

custo: salário do/e/a coordenador/e/a geral do projeto (organização, contratação e acompanhamento de professoras/es); salário de professoras/es de consciência corporal.

monitoramento e avaliação pela secretaria beneficiada pelo projeto: questionário antes e depois de seis meses de trabalho; entrevista com participantes; avaliação quantitativa (adesão/evasão ao longo do ano).

T R A M A #2

recepção de servidoras/es ingressantes: visão global da Prefeitura com grupos de recém-concursadas/es/os de distintas áreas

Como a experiência da chegada, o primeiro contato com o ambiente, com as pessoas e o local de trabalho, pode influenciar o serviço que será desenvolvido? Como proporcionar uma introdução dinâmica, ao mesmo tempo abrangente e

acolhedora, da secretaria onde a/o/e servidor/e/a trabalhará e da Prefeitura como um todo?

Visando acolher recém-concursadas/es/os, o objetivo é fornecer uma visão técnica, sensível e sistêmica da Prefeitura e suas ações. Interessa, desde a chegada, facilitar o entendimento intersetorial e transdisciplinar, assim como facilitar o contato direto entre profissionais de distintos setores para formação de redes dialógicas de suporte mútuo. As secretarias específicas e a Prefeitura como um todo serão apresentadas por funcionárias/es/os experientes e ingressantes poderão apresentar-se. Esta é uma ação realizada para proporcionar encontro e estimular diálogo entre novatas/es/os e com veteranas/es/os.

tempo: atividade mensal, bimestral ou trimestral, a depender do fluxo de contratação, com a duração julgada necessária de acordo com o número de participantes.

agentes: grupo de servidoras/es ingressantes; grupo de veteranas/es/os.

local: dependências da Prefeitura com acessibilidade garantida.

logística: disponibilização de um grupo de servidoras/es para guiar a recepção que incluirá palestras e visitas; composição de um kit de materiais para ingressantes.

custo: liberação de servidoras/es para realização da atividade; lanches na parte da manhã e da tarde nos dias de trabalho.

monitoramento e avaliação por responsáveis pelo projeto: questionário antes e depois da atividade; questionário com servidoras/es depois de um ano de permanência no serviço; entrevista com participantes.

T R A M A #3

transmissão de conhecimento e memória institucional: podcast de entrevistas com servidoras/es em processo de aposentadoria

Como valorizar o empenho, o conhecimento, as vivências de quem dedicou parte significativa de sua vida ao serviço público? Como transmitir às/aos mais novas/es/os experiência profissional? Como agradecer às/aos veteranas/es/os pelos serviços prestados e celebrar seu legado profissional?

Visando cuidar da memória institucional, cultivar a transmissão oral, valorizar o conhecimento técnico, intelectual e humano desenvolvido, e honrar os serviços prestados, a respectiva secretaria convida a/o profissional para realizar uma entrevista sobre o trabalho realizado. Todas as entrevistas concedidas, por quem desejar realizá-las, serão reunidas em formato podcast com vídeo de tradução em libras, e disponibilizadas no site da Prefeitura. Este é um serviço oferecido para celebrar a contribuição e aprender com servidoras/es.

tempo: de acordo com o fluxo de aposentadorias em cada secretaria.

agentes: grupo de servidoras/es em processo de aposentadoria; servidoras/es do setor de comunicação das secretarias; público em geral.

local: site da Prefeitura.

logística: disponibilização dos setores de comunicação das secretarias para realização da entrevista, edição, tradução em libras e envio do material a ser disponibilizado no site da Prefeitura; criação de link para o projeto no site da Prefeitura; postagem e manutenção.

custo: serviço a ser prestado pelo setor de comunicação das respectivas secretarias e pelos responsáveis pela alimentação do site da PCRJ; contratação de intérprete de libras; manutenção do site.

monitoramento e avaliação por responsáveis pelo projeto em cada secretaria: questionário depois de um ano com os produtores e participantes do programa; averiguação dos comentários postados e da frequência no site.

T R A M A #4

bem-estar nas repartições

O que nos faz sentir bem no local onde trabalhamos? Além de boas relações de trabalho, a luminosidade adequada, a climatização dos ambientes, a limpeza, a organização, a acessibilidade. Também assentos ergonômicos e boa distribuição do espaço para melhor acomodação e circulação. E ainda, cuidado com a pintura, móveis, plantas.

Visando o bem-estar nos locais de trabalho, convidamos professoras/es e estudantes de arquitetura vinculadas/es/os às universidades públicas – por exemplo, a Faculdade de Arquitetura da UFRJ – para propor projetos visando o aumento da qualidade de vida nas repartições. Os projetos são elaborados a partir de diálogo com as/os servidoras/es, e são desenvolvidos como parte de disciplina curricular, trabalho de conclusão ou projeto de pesquisa e extensão. O objetivo é cuidar de quem cuida da cidade, envolvendo docentes e discentes de universidades públicas.

tempo: período de elaboração do projeto e implementação.

agentes: servidoras/es que trabalham cotidianamente nas repartições; docentes e discentes de instituições públicas.

local: definir projeto-piloto em uma unidade da Prefeitura e firmar a parceria universitária.

logística: recepção de professoras/es e estudantes para conversa com servidoras/es que trabalham no local; a partir das demandas e sugestões, apresentação do projeto; ajustes de acordo com a recepção do projeto; contratação de consultoras/es PcD (Pessoas com Deficiência); realização do projeto com financiamento da Prefeitura.

custo: pré-estipular teto de gastos.

monitoramento e avaliação pela secretaria beneficiada pelo projeto: entrevista com participantes; questionário antes e depois de um ano.

EIXO 2 • CIDADANIAS E RELAÇÕES INTEGRATIVAS: TRANSFORMAR ESPAÇO URBANO EM ESPAÇO PÚBLICO

T R A M A #5

mobiliário público em praças, largos e jardins

A rua é apenas passagem ou, também, lugar de permanência? Na maioria dos bairros do Rio de Janeiro parece predominar a ideia de que devemos estar em circulação permanente, de que a rua não pode nem deve ser local de paradas e encontros, um espaço amigável e acolhedor. A proposta é trabalhar escutando as populações dos bairros por meio da Associação de Moradoras/es e de consulta local para mapeamento de necessidades. A proposta é aliançar com o projeto “Fábrica de Praças”, da COMLURB, para confecção do mobiliário e contratar pessoas da própria localidade para manutenção do mobiliário. Importa materializar espaços conviviais, cuidar da acessibilidade, da inclusão, construir vínculos sociais, tornar público o espaço urbano.

A primeira etapa da ação é consultiva e dialógica; a segunda é construtiva em parceria com a COMLURB; a terceira trata da implementação do projeto com mão de obra local; e a quarta visa a manutenção do mobiliário ao longo do tempo por zelador/e/a, morador/e/a local contratado/e/a pela Prefeitura, e em parceria com a Guarda Municipal.

tempo: concepção, construção e manutenção de espaços de convívio executada pela Prefeitura – uma parceria entre a COMLURB e moradoras/es do bairro.

agentes: COMLURB; Guarda Municipal; Secretaria responsável pelo projeto; Associação de Moradoras/es; cidadãos/ãos acessados em consulta local; consultoras/es PcD; zelador/e/a local; usuárias/es/os.

local: definir local para realização do projeto-piloto.

logística: realizar consulta popular via pesquisa direta no local, diálogo com a Associação de Moradoras/es e contratação de consultoras/es PcD; construção e colocação do mobiliário em parceria com a COMLURB; manutenção do espaço

por membras/os da comunidade contratadas/es/os pela Prefeitura e em colaboração com a Guarda Municipal.

custo: pré-estipular teto de gastos para construção; pagamento mensal de serviço de manutenção e compra dos materiais necessários.

monitoramento e avaliação pela secretaria responsável pelo projeto: quantificação de uso por monitoramento; entrevista com usuários, zelador/e/a e Guarda Municipal; fiscalização trimestral do estado do mobiliário.

T R A M A #6

brinquedos nas praças para todas as idades e repertórios de mobilidade

A cidade deve contar com pelo menos uma praça por bairro para recreação infantil (de primeira infância e de segunda infância). E dependendo da extensão do bairro, mais praças. A pergunta é: por que na maioria das atividades estimuladas por brinquedos em espaços públicos, adolescentes e adultos devem ficar de fora? No caso da primeira infância a resposta é óbvia. Mas e nas demais idades? Seria desejável que os brinquedos disponíveis para crianças maiores pudessem acolher adolescentes e adultos? Seria desejável que todas/es/os pudessem brincar juntas/es/os?

E mais, os brinquedos são construídos considerando PcD? Como acolher a todas/es/os?

A proposta é disponibilizar brinquedos – escorrega, trepa-trepa, balanço, gangorra, etc. – com tamanho adequado para acolher também adolescentes e adultas/es/os. Assim, brincadeira coletiva é estimulada, a vida lúdica de jovens e adultas/es/os é cultivada e, importante, o mobiliário público infantil não será depredado por uso inadequado. Nesse tipo de praça para brincadeira intergeracional e inclusiva, é fundamental considerar não apenas o design dos brinquedos, mas o design do espaço e a acessibilidade. Um exemplo simples: geralmente balanços são construídos em linha reta, o que estimula a competição para ver quem vai mais alto e não facilita a comunicação entre as/es/os brincantes. A sugestão é instalá-los circularmente de modo que seja possível optar por voltar-se para dentro ou para fora da roda. A sugestão é estimular o brincar coletivo e acolher o maior número

possível de repertórios de mobilidade. A praça é mantida por zelador/e/a residente no bairro com o auxílio da Guarda Municipal.

tempo: concepção, construção e manutenção de brinquedos para todas as idades e repertórios de mobilidade.

agentes: escritório especializado, consultoras/es PcD, Guarda Municipal, Secretaria responsável pelo projeto, zelador/e/a local, usuárias/es/os.

local: definir praça para realização do projeto-piloto.

logística: mapeamento das necessidades junto à Associação de Moradoras/es e usuárias/es/os da praça; construção dos brinquedos por escritório especializado; contratação de consultoras/es PcD; instalação; manutenção por morador/e/a contratada/e/o da própria comunidade com apoio da Guarda Municipal.

custo: contratação de escritório especializado e consultoras/es PcD; construção e instalação dos brinquedos; pagamento mensal de serviço de manutenção para morador/e/a da localidade e compra dos materiais necessários.

monitoramento e avaliação pela secretaria responsável pelo projeto: quantificação de uso por monitoramento; entrevista com usuários, zelador/e/a e Guarda Municipal; fiscalização trimestral do estado do mobiliário.

T R A M A #7

fontes de água potável

A oferta de água potável nas ruas em uma cidade quente, populosa e turística como o Rio de Janeiro não seria uma ação pública fundamental? Considerando o bem-estar da população, de visitantes, a prevenção de doenças e a preservação ambiental (por meio da diminuição do uso de garrafas PET), a oferta de água potável e gratuita se apresenta como uma demanda essencial.

A proposta é mapear na cidade pontos estratégicos para a construção de fontes: bebedouro e torneira para encher garrafas. Além do bem-estar imediato e do cuidado preventivo com a saúde da população, os bebedouros públicos poderão reduzir o uso de plástico na cidade. O mapeamento das localidades deve ser seguido

por um estudo detalhado do design adequado para as fontes (critérios de embelezamento, acessibilidade e praticidade na manutenção). A Guarda Municipal auxilia na conservação. A manutenção, responsabilidade da Prefeitura, deve ser periódica.

tempo: concepção, construção e manutenção de fontes de água potável acessíveis para a população.

agentes: escritório especializado; Guarda Municipal; Secretaria responsável pelo projeto; zelador/e/a local; população carioca e visitantes.

local: definir área para implantação do projeto-piloto.

logística: elaboração do projeto por escritório especializado e contratação de consultoras/es PcD; construção das fontes; manutenção permanente por equipe da Prefeitura.

custo: pré-estipular teto de gastos para construção e manutenção – contratação de escritório especializado e consultoras/es PcD, pagamento mensal de serviço de manutenção por morador/e/a da localidade e compra dos materiais necessários.

monitoramento e avaliação pela secretaria responsável pelo projeto: quantificação de uso por monitoramento; entrevista com usuários, zelador/e/a e Guarda Municipal; fiscalização semanal para manutenção das fontes.

T R A M A #8

sanitários públicos

Oferecer banheiros públicos em uma cidade populosa como o Rio de Janeiro não seria uma ação pública fundamental? Considerando o bem-estar da população, das/es/os visitantes, a prevenção de doenças e a limpeza urbana, a oferta de sanitários gratuitos e acessíveis a todas/es/os é uma demanda social. A proposta é mapear na cidade pontos estratégicos para oferta de banheiros públicos. Nestes banheiros há vasos sanitários, pias, chuveiros, uma antessala com mesa e cadeira para acomodação de zelador/e/a responsável pela manutenção do espaço e um armário para guarda dos materiais de limpeza. Este/a zelador/e/a, morador/e/a do bairro, cidadã/o que conhece a população e as dinâmicas locais, é auxiliada/e/o

pela Guarda Municipal. Além do bem-estar imediato e do cuidado preventivo com a saúde da população, os banheiros públicos poderão reduzir problemas de limpeza urbana. Arquitetura e design devem considerar a escolha de materiais adequados para praticidade na higienização, agilidade na manutenção, acolhimento de distintos repertórios de mobilidade e embelezamento da cidade.

tempo: concepção, construção e manutenção de banheiros públicos para a população carioca.

agentes: escritório especializado; Guarda Municipal; Secretaria responsável pelo projeto; zelador/e/a local; população carioca e visitantes.

local: definir local para implantação do projeto-piloto.

logística: elaboração do projeto por escritório contratado; contratação de consultoras/es PcD; construção dos banheiros com mão de obra local; contratação de zelador/e/a local; manutenção permanente dos banheiros; fornecimento periódico de materiais de limpeza pela Prefeitura.

custo: pré-estipular teto de gastos para construção e manutenção – contratação de escritório especializado e consultoras/es PcD, pagamento mensal de serviço de manutenção para morador/e/a da localidade e compra dos materiais necessários.

monitoramento e avaliação pela secretaria responsável pelo projeto: quantificação de uso por monitoramento; entrevista com usuários, zelador/e/a e Guarda Municipal; fiscalização mensal do estado dos banheiros.

T R A M A #9

campanha publicitária: “Por uma sociedade colaborativa”

Dando prosseguimento a campanhas importantíssimas e amplamente divulgadas como “sociedade sem preconceitos” e “Rio + seguro para mulheres”, propomos uma campanha baseada na noção de “sociedade colaborativa”. Quais seriam os slogans? Quais seriam as imagens? E o design adequado? O que entendemos por colaboração em uma cidade como o Rio de Janeiro? Como podemos propor outra

imagem para o Rio oposta ao medo, à violência, à insegurança? Uma imagem vitalista que não se baseie apenas na beleza natural.

A proposta é articular publicitários/es/as e artistas contratados/es/as com representantes do serviço público e da sociedade civil. É fundamental reunir publicitárias/es/os, artistas, servidoras/es e realizar consulta popular. Os diálogos e sondagens, inclusive, já fazem parte da campanha — uma campanha que será desenvolvida colaborativamente com servidoras/es e a população carioca. Também é fundamental envolver as escolas, escutar as ideias e propostas de crianças e adolescentes. A amplificação destas vozes é uma ramificação específica da campanha.

tempo: realização da campanha publicitária “Por uma sociedade colaborativa”, ao longo de um ano, utilizando meios impressos e audiovisuais, outdoors e mídias sociais, televisão e rádio.

agentes: grupo contratado de publicitárias/es/os e artistas trabalhando em colaboração com representantes do serviço público, da sociedade civil e consultoras/es PcD; alianças com escolas públicas de ensino fundamental e médio para inclusão de vozes de crianças e adolescentes; população carioca.

local: cidade do Rio de Janeiro.

logística: elaboração da campanha por artistas e publicitários/es/as em parceria com servidoras/es; consulta à população (especialmente crianças e adolescentes em escolas públicas); definição das mídias, suportes e elaboração dos layouts; aplicação da campanha; acompanhamento dos debates e efeitos da campanha ao longo do ano.

custo: contratação de empresa publicitária, artistas e custeamento das mídias ao longo do período.

monitoramento e avaliação pela secretaria responsável pelo projeto: quantificação de uploads de dados e acessos; pesquisa pública para acompanhamento dos efeitos da campanha ao final de seis meses e de um ano.

T R A M A #10

clínica coletiva de psicoterapia como serviço público

Considerando a atual epidemia de depressão e síndrome de pânico, quadro que vem crescendo exponencialmente entre jovens e adultos, como oferecer assistência psicológica a quem precisa de modo ágil, gratuito, consistente e localizado? Diretamente influenciada pela Clínica Pública de Psicanálise — iniciativa da artista Graziela Kunsch com os psicanalistas Daniel Guimarães e Tales Ab’Sáber na Vila Itororó em São Paulo —, a Clínica coletiva de psicoterapia como serviço público realiza atendimentos em espaços diversos (quadras de esportes, quadras de escolas de samba, centros culturais), fora de consultórios psicanalíticos, de salas fechadas. Pacientes dirigem-se ao local, inscrevem-se em uma tabela com distintos psicanalistas atendendo simultaneamente em horários diversos, e são recebidas/es/os individualmente. Basta uma cadeira diante de outra em um local coberto ou sombreado. Quando retornam, poderão ser atendidas/es/os pela/e/o mesma/e/o profissional ou outra/e/o. Ou seja, não se trata de tratamento em grupo, mas de atendimentos coletivizados tanto no que se refere a usuárias/es/os, como psicanalistas.

A proposta é contratar Graziela Kunsch como consultora, estudar iniciativas semelhantes em andamento no Brasil, definir as especificidades do trabalho a ser desenvolvido no setor público na cidade do Rio de Janeiro e abrir concurso para contratação de profissionais. São exemplos de “clínicas de borda” atuantes: MOVE (Curitiba), ClínicAberta de Psicanálise (Santos), Coletivo Margem Psicanálise (Fortaleza), Clínica Aberta Casa do Povo (São Paulo), Psicanálise na Rua (Cuiabá), Roda de Escuta/Grupos Flutuantes LGBTQI+ (Aracajú), Clínica do Cuidado (Altamira e São Paulo). Especificamente no Rio de Janeiro, são exemplos: PsiMaré, Ocupação Psicanalítica, Intervenção Psicanalítica Clínico-Política às Demandas LGBT, Psicanálise no Jacarezinho, Coletivo Psicanálise e Política e Cotidiano Refugiado.

tempo: estruturação e realização de atendimentos psicoterapêuticos coletivos em espaços públicos como serviço público.

agentes: consultoria com a artista Graziela Kunsch; psicólogas/ues/os e psicanalistas contratadas/es/os pela prefeitura, inclusive profissionais conhecedoras/es

da Língua Brasileira de Sinais; cidadãos/ãos que necessitem atendimento psicológico.

local: definir local com acessibilidade para realização do projeto-piloto.

logística: abertura de concurso público e contratação de profissionais da área.

custo: contratação de consultoria e de profissionais para a prática psicanalítica.

monitoramento e avaliação pela secretaria responsável pelo projeto: entrevista com usuárias/es/os e equipes de profissionais; análise quantitativa e qualitativa.

T R A M A #11

do balde à cesta: programa de compostagem e plantio no bairro

Como cuidar de resíduos orgânicos em nossos próprios bairros? Poderia a Prefeitura conceber e implementar métodos de coleta de lixo orgânico e postos de compostagem para benefício direto das comunidades com o auxílio da Guarda Municipal?

Além dos benefícios em termos de limpeza urbana, saúde coletiva e preservação ambiental, o projeto possibilita o fornecimento de verduras e legumes para moradoras/es aos modos da “Revolução dos Baldinhos”, realizada na cidade de Florianópolis. Outro projeto, o “Ciclo Orgânico”, que trabalha com compostagem de lixo orgânico coletado em residências do Rio de Janeiro, também é referência importante.

A proposta é 1) fornecer os baldes necessários para a acumulação do material orgânico (inclusive óleo) incentivando a população a separar o lixo; 2) estabelecer dias e sistemas de coleta; 3) criar postos de tratamento e compostagem; 4) com o adubo produzido, plantar verduras e legumes na mesma localidade; 5) doar os alimentos cultivados para cidadãos/ãos que participam da coleta seletiva. Entrega-se o balde, recebe-se a cesta. Este é um projeto de educação ambiental, incentivo à separação de resíduos orgânicos, reciclagem de lixo e envolvimento da comunidade com a produção de alimentos saudáveis e gratuitos.

tempo: tempo de estruturação do projeto; tempo cíclico de coleta de resíduos orgânicos, compostagem, plantio de mudas e sementes, colheita e distribuição das hortaliças.

local: definir bairro para realização do projeto-piloto.

agentes: equipe de coleta, compostagem, plantio e colheita; moradoras/es do bairro que optem por participar; Guarda Municipal.

logística: oferecer os recipientes necessários para a coleta seletiva; estabelecer sistemas de coleta nas residências ou entrega no posto de compostagem; construir posto de tratamento e compostagem; com o adubo produzido, plantar hortaliças; doar os alimentos cultivados às/aos cidadãos/ãos que participam da coleta seletiva. **custo:** construção do posto de tratamento de resíduos orgânicos com mão de obra local; compra e fornecimento dos recipientes necessários, maquinária e ferramentas específicas; contratação de pessoal local para coleta dos resíduos, manutenção dos postos e entregas domiciliares; contratação de pessoal local para cultivo das hortaliças.

monitoramento e avaliação pela secretaria responsável pelo projeto: entrevista com usuários/es/as e equipes de profissionais envolvidos/es/as; quantificações com auxílio da Guarda Municipal.

T R A M A #12

circulação de doações: serviço de recolhimento e repasse (roupas, objetos, móveis)

Como estimular o repasse de doações em boas condições de uso? Como garantir que os produtos cheguem nas mãos de quem precisa? Como disseminar ações solidárias, promover educação ambiental e conter desperdício?

Trata-se da criação de um dia específico para recolhimento de doações e encaminhamento das mesmas para áreas onde poderão ser distribuídas. Por um lado, doadoras/es se desfazem de materiais acumulados sem precisar pagar para transportá-los e sem jogá-los em locais indevidos; por outro, receptoras/es têm acesso a produtos em boas condições de uso. A Prefeitura organiza o processo: divulga a ação, recolhe as doações, contrata agentes locais – moradoras/es dos bairros onde as doações serão entregues para fazer a triagem, os consertos básicos e o repasse para a população interessada (costureiras/es/os, carpinteiras/es/os,

artesãs/ãos). As regras de doação e distribuição devem ser cuidadosamente elaboradas de modo a respeitar e beneficiar todas as pessoas envolvidas. A Guarda Municipal auxilia na operação de coleta e distribuição. Este projeto busca implementar modos de economia circular, solidária e sustentável na cidade.

tempo: projeto contínuo, seguindo cronograma que envolve sucessivamente bairros distintos.

local: definir área da cidade para realização do projeto-piloto.

agentes: populações doadoras e receptoras; agentes locais contratadas/es/os para organização e repasse das doações; Guarda Municipal.

logística: serviço de recolhimento das doações em dias específicos; organização de espaço para recebimento, reparações simples, exposição e repasse dos objetos (o pátio de uma escola pública no final de semana, por exemplo).

custo: divulgação do projeto; compra de materiais e ferramentas necessárias para consertos; contratação de mão de obra local.

monitoramento e avaliação pela secretaria responsável pelo projeto: entrevista com moradoras/es, usuários/es/as do serviço e Guarda Municipal; quantificações por monitoramento.

TRAMA #13

rede de lideranças comunitárias: encontro entre lideranças e com a Prefeitura

Como compartilhar conhecimentos elaborados em localidades específicas com lideranças de outras áreas semelhantes da cidade? Haveria interesse em realizar encontros e debates para partilha de saberes, metodologias de trabalho e experiências? Como os diferentes projetos sociais vem se articulando? Haveria interesse das lideranças comunitárias em realizar este intercâmbio? As questões surgiram a partir dos encontros no Centro de Artes da Maré e no Galpão Bela Maré. A proposta é realizar um mapeamento de projetos e lideranças comunitárias na cidade do Rio de Janeiro para fortalecimento da rede. Posteriormente, realizar um encontro das lideranças com setores da Prefeitura para diálogo sobre possíveis parcerias e modos de suporte.

tempo: projeto contínuo – organização de dois encontros por ano: entre as lideranças comunitárias da cidade do Rio de Janeiro e destas com representantes da prefeitura.

local: definir projeto-piloto.

agentes: lideranças de movimentos sociais da cidade; representantes de setores da Prefeitura como as Subprefeituras locais, a Secretaria Especial de Ações Comunitárias, a Secretaria da Juventude e a Coordenação Governamental (Gabinete do Prefeito).

logística: financiamento de dois encontros: 1) entre lideranças comunitárias da cidade; e 2) destas com representantes da Prefeitura.

custo: organização de dois eventos; aluguel de espaço com acessibilidade garantida; cachê para palestrantes; tradução em libras se necessário; transporte e alimentação para participantes.

monitoramento e avaliação pela secretaria responsável pelo projeto: questionário ao final dos eventos com participantes; entrevista com participantes; avaliação anual sobre a efetividade do projeto por meio de análise qualitativa e quantitativa dos benefícios.

EIXO 3 • JUVENTUDES E RELAÇÕES INTEGRATIVAS: CIDADANIAS JUVENIS E RELAÇÕES INTERGERACIONAIS

T R A M A #14

jovens universitárias/es/os: ações comunitárias voluntárias como disciplina universitária

Como estimular jovens a conhecer mais e melhor a cidade e contribuir com a vida pública? Como, desde o início da formação profissional, incentivar uma visada social mais ampla? Como ampliar a formação universitária especializada oferecendo oportunidade de vivências comunitárias, de engajamento em trabalhos sociais voluntários?

Esta proposta se articula com os setores de extensão das universidades públicas que já trabalham para o fortalecimento da prática cidadã e ampliação da perspectiva profissional de quem ingressa na faculdade, como é o caso da Pró-reitoria de Extensão da UFRJ. Especificamente, trata-se da criação de uma disciplina universitária – “Ações Comunitárias Voluntárias” – a ser oferecida como eletiva opcional em todas as áreas de conhecimento (ciências humanas, biomédicas, tecnológicas, etc.). Sob supervisão de professor/e/a, estudantes escolherão uma dentre as distintas opções de atividades indicadas pela universidade (de acordo com as alianças firmadas com instituições públicas e projetos sociais da sociedade civil). São exemplos de possíveis instituições parceiras (secretarias governamentais ou entidades civis): Renascença Clube (Andaraí), MAR (Museu de Arte do Rio), G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira (Mangueira), Secretaria Municipal do Envelhecimento Saudável e Qualidade de Vida, Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Mulher, Centro de Artes da Maré (Maré), Galpão Bela Maré (Maré), Observatório das Favelas (Maré), Redes da Maré (Maré), Secretaria Municipal do Ambiente e Clima, Secretaria Municipal de Assistência Social, COMLURB, Museu Bispo do Rosário (Colônia Juliano Moreira), Casa do Jongo da Serrinha (Madureira), Casa da Tia Ciata (Centro), Museu dos Pretos Novos (Pequena África), Secretaria Especial da Juventude, Secretaria Especial de Inclusão,

Secretaria Especial de Ação Comunitária, Secretaria Municipal de Proteção e Defesa dos Animais, etc.

Estudantes participam de modo presencial e o curso tem duração semestral de 60hs.

Ementa: participar de ações comunitárias como voluntária/e/o em instituições públicas ou projetos sociais que estabeleceram convênios com a universidade. Frequentar o local, realizar as atividades indicadas conjuntamente pelas/es/os coordenadoras/es (professor/e/a na universidade e coordenador/e/a no local), elaborar sugestões e apoiar as ações em andamento. Ao final do semestre, um relatório será entregue à universidade e à instituição parceira.

tempo: oferta anual de atividade de extensão para qualquer curso universitário (60hs) visando a realização de ações comunitárias voluntárias a partir de convênios interinstitucionais.

agentes: estudantes da universidade pública; docentes responsáveis pelo projeto de extensão na universidade; instituições parceiras (da Prefeitura ou entidades da sociedade civil).

local: definir universidade e instituições parceiras que se interessem por realizar o projeto-piloto.

logística: proposição de acordos e assinatura de convênios interinstitucionais; organização anual do projeto de extensão nos âmbitos dos cursos de graduação da universidade; avaliação das atuações por meio de relatórios entregues aos professores/as e às instituições.

custo: horas/aula de docentes financiadas pela universidade; disponibilização de profissionais para orientar estudantes e coordenar o intercâmbio nas instituições parceiras.

monitoramento e avaliação pela secretaria responsável pelo projeto em parceria com a universidade: questionário semestral a ser respondido por discentes, docentes e responsáveis pelo projeto nas instituições parceiras; análise qualitativa e quantitativa dos benefícios, aprendizagens e alcances do programa.

T R A M A #15

jovens curiosas/es/os em pontos de cultura

Muitas vezes um/e/a jovem precisa apenas de um pequeno estímulo para desenvolver uma aptidão, um talento. E muitas vezes não é possível contar com o apoio em casa. Este projeto pergunta: como apoiar as pesquisas de jovens curiosas/es/os?

A sugestão é propor aos Pontos de Cultura a abertura de editais locais onde materiais de pesquisa são diretamente fornecidos às/aos jovens selecionadas/es/os – não se trata de um edital para adquirir verba, mas para solicitar materiais específicos. Exemplos: instrumento musical, material de pintura, linhas e agulhas de tricô e crochê, máquina de costura e tecidos, material para tapeçaria, livros de pesquisa, estojo semiprofissional de maquiagem, estojo semiprofissional de cabeleireiro/e/a, etc. Para concorrer, proponentes deverão apresentar pesquisa em andamento e modos de retorno à comunidade passados seis meses do recebimento do material.

O Ponto de Cultura, primeiramente, deverá participar de um amplo edital já indicando as demandas de sua comunidade, ou seja, deverá fazer consulta local para elaborar sua proposta. E como contrapartida pelo trabalho realizado, receberá apoio da Prefeitura para obra ou projeto específico que será indicado na solicitação dentro de determinada faixa de custo. Em seguida, caso atendido, deverá encaminhar as compras dos materiais e entrega-los às/aos jovens locais. No prazo de seis meses, antes da próxima edição do projeto, caberá ao Ponto de Cultura organizar um sarau de apresentação das pesquisas em andamento com presença de membros da Prefeitura que poderão averiguar os resultados. Os saraus podem ser realizados nos próprios Pontos de Cultura, em Lonas Culturais ou Naves do Conhecimento. Importante enfatizar: esta sugestão não beneficia apenas as/os jovens locais, mas o Ponto de Cultura que receberá apoio para obra ou projeto específico. Importante enfatizar também o caráter inclusivo e o apoio à diversidade entre as/es/os jovens atendidas/es/os pelo edital.

tempo: projeto semestral de estímulo a jovens de famílias de baixa renda para o desenvolvimento de seus talentos por meio da aquisição de material específico e partilha de sua pesquisa no Ponto de Cultura de sua comunidade passados

seis meses da entrega dos materiais de trabalho; realização de projeto ou obra específica no Ponto de Cultura.

agentes: jovens com pesquisa em andamento que requer materiais específicos e Ponto de Cultura; especial atenção para o caráter inclusivo e diversal do projeto.

local: definir bairro para desenvolvimento de projeto-piloto.

logística: 1) elaboração de edital para Pontos de Cultura; 2) divulgação do edital; 3) seleção dos participantes do projeto mediante propostas e parâmetros socioeconômicos, de gênero, raça, especificidades corporais e neurodiversidade; 4) envio da verba conforme seleção; 5) averiguação do andamento das atividades junto ao Ponto de Cultura mediante visitas e relatórios; 6) avaliação do projeto por meio de sarau aberto à comunidade no sexto mês do projeto a ser realizado em Lonas Culturais, Naves do Conhecimento ou na sede do Ponto de Cultura.

custo: predefinição do valor total do edital que inclui compra dos materiais de pesquisa e orçamento do projeto proposto pelo Ponto de Cultura. Repasse da verba para os Pontos selecionados. As compras não são feitas pela Prefeitura, mas pelos responsáveis nos Pontos com modos de prestação de contas predefinidos.

monitoramento e avaliação pela secretaria responsável pelo projeto: entrevista com jovens pesquisadoras/es apoiadas/es/os pelo projeto e com gestoras/es dos Pontos de Cultura participantes; relatórios de servidoras/es responsáveis pelo acompanhamento do projeto; análise qualitativa e quantitativa dos benefícios, aprendizagens e alcances da ação.

T R A M A #16

seminários interescolas para apresentação dos bairros

Como estimular estudantes do Fundamental II a conhecer mais e melhor seus bairros, suas/seus moradoras/es, as atividades locais (esportivas, culturais, científicas), as edificações e as instituições presentes no território? Como cultivar cidadania local? Como estimular as/es/os docentes a conhecer melhor os bairros onde as escolas onde trabalham estão situadas? E ainda, como articular a Guarda Municipal e as escolas para além da Ronda Escolar?

A proposta envolve duas etapas:

1) Em cada escola: realizar trabalho de pesquisa ligado às disciplinas de ciências humanas e artes para conhecimento do bairro (sempre com abertura para envolver as demais matérias, se desejado). A pesquisa se faz por meio de entrevistas em casa e nas ruas, investigação de arquivos, visitas a lugares específicos na comunidade e locais históricos. Interessa articular história oral e história documental, oportunizar relações intergeracionais, conhecer atividades desenvolvidas no território e pessoas de destaque na comunidade. Interessa conhecer casos, lendas e fatos. Interessa igualmente estimular a pesquisa por meio de imagens, sons, textos, teatro, música.

2) Em um segundo momento, coordenar um passeio para troca entre duas escolas de bairros próximos. Com o auxílio da Guarda Municipal, um grupo de uma escola se deslocará até a outra para conhecer a pesquisa realizada por meio de um Seminário de Pesquisa. Em data posterior, a escola anteriormente visitada, visitará a outra. O deslocamento poderá ser feito em transporte público ou ônibus oferecido pela Guarda Municipal.

Se julgado conveniente, o intercâmbio entre as duas escolas poderá continuar com atividades esportivas, recreativas, feiras de artes e ciências, a depender dos desdobramentos dos conteúdos estudados nos seminários.

Em suma, o objetivo é estimular, por meio de atividade curricular, estudantes do Ensino Fundamental II a conhecerem seus bairros na lida com arquivos, pessoas, instituições, meio-ambiente; estimular docentes a conhecer melhor os bairros onde trabalham; estimular a troca entre escolas localizadas em bairros próximos; cultivar cidadania local.

tempo: atividade curricular anual.

agentes: estudantes do Ensino Fundamental II; docentes; comunidades onde estão localizadas as escolas; Guarda Municipal.

local: escolas que se interessem por realizar o projeto-piloto.

logística: 1) desenvolvimento de pesquisa local – em casa, na escola e no bairro;

2) articulação com outra escola para realização do seminário interescolas

(em que as escolas se visitam mutuamente); 3) articulação com a Guarda Municipal

para auxílio no deslocamento e participação no evento; 4) avaliação de possíveis desdobramentos.

custo: merenda nos eventos; material de papelaria e afins para preparação das apresentações; deslocamento dos grupos de docentes e discentes via transporte público ou ônibus da Guarda Municipal.

monitoramento e avaliação pela secretaria responsável pelo projeto: entrevista com discentes e docentes das escolas envolvidas; análise qualitativa e quantitativa dos benefícios, aprendizagens e alcances das ações.

T R A M A #17

rede de memória local nas escolas

Como estimular mais a vivência de relações intergeracionais nas comunidades escolares? Como incentivar estudantes e docentes a conhecer as pessoas mais antigas de suas comunidades?

A partir do conhecido projeto da Secretaria Municipal de Educação, “Trilhas Identitárias” – que traz ex-estudantes que se tornaram personalidades famosas para visitar as escolas públicas municipais onde estudaram –, a proposta é convidar grupos de moradoras/es antigas/ues/os das comunidades para realizar rodas de conversa com jovens mediadas por docentes. Interessa entrevistar as/es/os mais velhas/es/os, conhecer suas histórias de vida, as histórias do bairro ao longo das décadas. Interessa circular histórias míticas, saberes populares da região, promover resgate da ancestralidade; conhecer as brincadeiras de infância dos mais antigos, os causos, as receitas de comidas, as técnicas de construção; reconhecer as mudanças nos modos de comunicação, no comércio, no espaço urbano, no clima, nos hábitos de vestir e comer. Oralidade, pertencimento, transmissão de conhecimentos são aspectos centrais do projeto. Interessa também a criação de um arquivo nas escolas onde a aprendizagem seja salvaguardada. Os modos de arquivamento ficam a critério das escolas que realizam o projeto – filmes, áudios, podcasts, reportagens, postagens. Caberá às/aos alunas/es/os e mestras/es definir o que melhor se adequa ao seu ambiente escolar.

tempo: atividade pontual, a ser agendada de acordo com as atividades escolares e currículos em andamento.

agentes: estudantes do Ensino Fundamental; docentes; pessoas mais velhas/es/os da comunidade.

local: escola que se interesse por realizar o projeto-piloto.

logística: realização de pesquisa na escola e no bairro para selecionar convidadas/es/os; realização de rodas de conversa entre jovens, adultas/es/os e anciãs/ãos com atenção à acessibilidade; arquivamento dos materiais elaborados a partir dos encontros em forma de áudios, vídeos, fotos e/ou escritos.

custo: merenda nos eventos (inclusive receitas recomendadas pelas/es/os convidadas/es/os); ajuda de custo para deslocamento das/es/os mesmas/es/os; recursos para registro: gravações em vídeo, áudio, armazenamento e catalogação.

monitoramento e avaliação pela secretaria responsável pelo projeto: entrevista com discentes e docentes da escola; análise dos arquivos produzidos; análise qualitativa e quantitativa dos benefícios, aprendizagens e alcances da ação.

T R A M A #18

conhecendo profissionais do bairro nas escolas

Como as/os estudantes das escolas municipais podem aprender sobre profissões diversas? Como despertar a curiosidade de alunas/os do Ensino Fundamental II sobre atividades profissionais?

Convidar profissionais moradoras/es do bairro onde a escola está localizada para encontros e palestras coletivas. Um dia do semestre letivo, no último ano do ensino fundamental, é dedicado a um seminário com profissionais moradoras/es do bairro que atuam em diversos campos – esteticistas, mecânicos/ques/as, biólogas/ues/os, músicos/musicistas, trancistas, cozinheiras/es/os, bibliotecárias/es/os, fotógrafas/es/os, professoras/es, engenheiras/es/os, pedreiras/es/os, frentistas, taxistas, enfermeiras/es/os, esportistas, médicos/ques/as, soldadoras/es, programadoras/es, estilistas, artistas, jardineiras/es/os, advogadas/es/os, assistentes sociais, filósofas/es/os, eletricistas, psicólogas/gues/os, porteiros/es/as, etc.

Nosso objetivo é apresentar às/aos estudantes do nono ano, profissionais moradoras/es do bairro onde está localizada a escola, suas trajetórias de formação e cotidiano de trabalho. Nosso objetivo é despertar interesse sobre desenvolvimento profissional tomando como referência a vizinhança da/e/o estudante.

tempo: realizar um dia de seminário intensivo oferecido para estudantes do nono ano do Fundamental II visando aprender sobre as profissões por meio de narrativas e vivências de moradoras/es do seu bairro;

agentes: estudantes do nono ano; docentes; diversas/es/os profissionais moradoras/es do bairro.

local: escola que se interesse para realização de projeto-piloto.

logística: realização de pesquisa local, na escola e no bairro, para selecionar convidadas/es/os com atenção à diversidade; realizar um dia de palestras e conversas com atenção à acessibilidade.

custo: merenda no evento; ajuda de custo para deslocamento das/es/os participantes.

monitoramento e avaliação pela secretaria responsável pelo projeto: entrevista com discentes e docentes da escola; análise qualitativa e quantitativa dos benefícios, aprendizagens e alcances da ação.

T R A M A #19

estímulo à cidadania participativa nas escolas

Responsabilidade cidadã, cidadania participativa e modos de representatividade são atitudes políticas que precisam ser estimuladas desde cedo. Assim sendo, como estimular no Ensino Fundamental a participação nos debates, a eleição de representantes, o trabalho dos coletivos estudantis junto às suas lideranças?

O objetivo é estimular a participação e a representação discente através de: apoio à eleição de representantes estudantis no ensino fundamental; promoção de encontros entre Grêmios Estudantis de distintas escolas; resgate da história do movimento estudantil; promoção de cursos e debates com temáticas ligadas à colaboração, comunitarismo e liderança; estímulo ao acolhimento das diversas raças,

gêneros, condições socioeconômicas, culturas, religiões, especificidades corporais e neurodiversidades. A compreensão de modos políticos coletivos em um momento histórico marcadamente individualista não está dada, é preciso discuti-los e praticá-los.

tempo: trabalho contínuo por meio de práticas específicas para desenvolvimento de sistemas coletivos de participação e representação.

agentes: discentes e docentes do Ensino Fundamental.

local: escola que se interesse em implementar projeto-piloto.

logística: estímulo à realização de campanhas, eleição de representantes e suporte às/aos estudantes na elaboração de propostas para sua comunidade escolar.

custo: horas/aula de docentes e orientadoras/es pedagógicas/os.

monitoramento e avaliação pela secretaria responsável pelo projeto: entrevista com discentes e docentes da escola envolvida; análise qualitativa e quantitativa dos benefícios, aprendizagens e alcances da ação.

Notas

- 1 Marion Costa foi servidora da Prefeitura do Rio de Janeiro, Gerente de Valorização e Capacitação do Servidor/SUGGC, membra do Programa Líderes Cariocas do FJG. A nomeação da sala é uma homenagem póstuma à servidora.
- 2 GARZA, Cristina Rivera. *Dolerse - textos desde un país herido*. México: Sur+, 2011. Tradução Francisco Mallmann.



6 notas para pensar e fazer performance

No decorrer da residência, escrevi seis notas para pensar e fazer performance. Um editor leu o manuscrito e comentou: “Esse é um texto introdutório a teorias decoloniais construído ponto por ponto através de conceitos centrais como linguagem, sujeito, objeto, episteme e estética. Pontos que, entrelaçados, geraram uma metodologia de criação em performance.”¹ Não pensei nestes termos enquanto escrevia, mas o comentário me levou a desejar incluir as seis notas aqui.

Fato é que a residência como um todo e as conversas que realizamos em torno de mesas na Maré, Mangueira, Serrinha, Pequena África, Zona Portuária do Rio, Andaraí e Santo Cristo foram inspiradas e informadas pelo pensamento “contracolonial” de Antônio Bispo dos Santos, e guiadas por questões ambientais. Estivemos sempre atentas/es/os, interseccionalmente, aos referentes raciais, etários, de gênero, classe, neurodiversidade, especificidades corporais e culturais. Estivemos sempre atentas/es/os às articulações entre humanas e não-humanas, na busca por atitudes biointegrativas em que as noções de política e ecologia são inseparáveis. Estivemos sempre atentas/es/os, como propõe o cientista político caribenho Malcom Ferdinand, à dupla fratura colonial e ambiental, à indissociabilidade entre exploração de pessoas e ecossistemas, tudo e todes consideradas/es/os “recursos”. Por isso, era fundamental nos encontrarmos em lugares de força onde tradições culturais e espirituais contracoloniais atuam tramando carne cotidiana e osso histórico, matérias mundanas e matérias fantasma, ancestralidade e futuridade.

A contracolonialidade também é referente para nos questionarmos sobre as possibilidades de uma residência artística no setor público, sobre como artistas e instituições públicas podem contracolônizar juntas. E claro, se isso é factível. Como e em que medida a arte será percebida como agente mobilizador ou terá sua potência amortecida? Como e em que medida a arte de ação será reconhecida como fonte de energia vital e transformação social ou será exotizada e romantizada? A teoria contracolonial, sugiro, é referente importante para pensar e fazer performance em um mundo que tende a banalizar as forças da arte. Por um lado, a arte é domesticada e transformada em acessório, limitando sua reverberação social. Por outro, é reconhecida em sua potência criadora e crítica, mas, no momento das decisões e das efetivações, é suprimida. A banalização da arte é um risco permanente a ser enfrentado por artistas e por não-artistas. Descolonizar a arte é tarefa da/o profissional da arte com certeza, mas não apenas. Descolonizar a arte é questão estético-política e psicossocial. Ao fim e ao cabo, como sempre, é uma questão de modos de vida, de como queremos, podemos e conseguimos viver nossas vidas singulares e coletivas. É uma questão do que a arte quer e aguenta ser e fazer, do que as cidadãs e cidadãos querem e aguentam que a arte seja e faça, do que as cidadãs e cidadãos querem e aguentam ser e fazer. A arte da performance é uma arte do corpo, do tempo, do espaço e, importante, dos contratos sociais, das leis, da linguagem e da luta.

Assim como a T R A M A, as notas a seguir são radicalmente polifônicas — tramo vozes de diversas pensadoras/es contemporâneas/os para fazer mesa entre nós.

nota 1 : palavar e lutar

Afortunadamente temos as palavras, matéria misteriosa capaz de ativar campos de força, nos colocar em ação e relação, fazer coisas acontecerem. Nesta primeira

nota, trago palavras de Antônio Bispo dos Santos, mestre quilombola que fez sua passagem em 2023 e nos deixou o excepcional *A terra dá, a terra quer*.²

“Certa vez, fui questionado por um pesquisador de Cabo Verde: ‘Como podemos contracolonizar falando a língua do inimigo?’. E respondi: ‘Vamos pegar as palavras do inimigo que estão potentes e vamos enfraquecê-las. E vamos pegar as nossas palavras que estão enfraquecidas e vamos potencializá-las. Por exemplo, se o inimigo adora dizer *desenvolvimento*, nós vamos dizer que o desenvolvimento desconecta, que o desenvolvimento é uma variante da cosmofofia. Vamos dizer que a cosmofofia é um vírus pandêmico e botar para ferrar com a palavra *desenvolvimento*. Porque a palavra boa é *envolvimento*.’ Para enfraquecer o *desenvolvimento sustentável*, nós trouxemos a *biointeração*; para a *coincidência*, trouxemos a *confluência*; para o saber *sintético*, o saber *orgânico*; para o *transporte*, a *transfluência*; para o *dinheiro* (ou a troca), o *compartilhamento*; para a *colonização*, a *contracolonização*. . . e assim por diante.” Em seguida, arremata: “Semeei as palavras [...]. Transformei as nossas mentes em roças e joguei uma cuia de sementes.”³

Sabemos como é: palavras performam. Palavras brotam conceitos. Conceitos mobilizam e movem. Palavras-conceito como essas do Nêgo Bispo fazem corpo, instigam ação, pedem passagem e abrem caminho. Elas pedem performance. Elas indicam coisas que precisam ser feitas. Que as palavras semeadas por Antônio Bispo dos Santos, que sua cosmológica “biointerativa”, “diversal” e “contracolonial” prolifere e frutifique. Palavar e performar são formas de luta.

nota 2 : esgotar a categoria “sujeito”

No início dos anos 1990, foi publicado um livro sugestivamente intitulado *Who comes after the subject?*⁴ [*Quem vem depois do sujeito?*]. A categoria “sujeito” – aquele que, por definição, age de acordo com a sua decisão e vontade, protagonista de seus atos, capaz de conhecer por oposição ao objeto – não consegue dar conta conceitual e existencialmente da vida das pessoas. Não condiz com a fluidez dos modos de subjetivação, com a performatividade dos devires, com a vivacidade das relações integrativas. Não acompanha o descentramento do modelo ocidental, branco, falocêntrico, heteronormativo. Então, quem vem depois do sujeito?

Como se a pergunta não fosse suficientemente enorme, ela se desdobra imediatamente em duas interrogações (eis a questão): será que depois do sujeito vem um “quem”? E seria mesmo “depois” que este “quem” vem?

A filósofa e artista Denise Ferreira da Silva sugere que a noção de “sujeito moderno”⁵ se baseia nos seguintes pressupostos: linearidade temporal e separatismo espacial. A linearidade temporal se fundamenta na hipervalorização da experiência progressiva e progressista do tempo. No revés, Nêgo Bispo nos fala da temporalidade começo-meio-começo: “Somos da circularidade: começo, meio e começo.”⁶ De acordo com o mestre quilombola, a lógica da relação com a terra, com a semente e a frutificação é circular, e na circularidade não há propriamente fim – a cosmológica é cíclica. Nêgo Bispo chama atenção para o fato de que os tambores que ritmizam são redondos, sem arestas, nada irá engancha, movimento e pulsação prevalecem. Leda Maria Martins, também no revés do des-envolvimento linear progressivo, nos guia pelas temporalidades curvilíneas da cosmopercepção negro-africana. Em *Performances do tempo espiralar*, a Rainha de Nossa Senhora das Mercês do Reinado de Nossa Senhora do Rosário do Jatobá nos lança na ciranda das sincronias passado-presente-futuro, na mutação permanente do movimento sem fim onde a ancestralidade é princípio filosófico e força vital.⁷

Já o separatismo espacial alicerça os hábitos culturais mais básicos e se afirma com o auxílio de inúmeras tecnologias de separação. As espacialidades em questão são objetivas e subjetivas, geográficas e psíquicas. O separatismo se afirma na blindagem emocional (a fantasia do individualismo), em cada propriedade privada (caneta ou carro), no classismo (que interseccionalmente também é questão racial e de gênero), no sexismo e no racismo (os preconceitos que nos separam em castas, gangues, comandos, seitas), no nacionalismo (e seus extremos, os fascismos), nas dicotomias excludentes (forças estáticas, sem a vibração da vida e a paradoxalidade da performance). No final das contas, as tecnologias de separação são modos de subjetivação e comportamentos que primam pelo individualismo e pela recusa da diferença. No revés, o filósofo e curador Paul B. Preciado convoca as “multidões queer”,⁸ corpos dissidentes que desmontam padrões dicotômicos. “Uma multidão de corpos: corpos transgêneros, homens sem pênis, *gounis garous*, ciborgues, *femmes*

butchs, bichas lesbianas”, “os *drag kings*, as mulheres de barba, os transbichas sem paus, os deficientesciborgues”, “uma multiplicidade de corpos que se levantam contra os regimes que os constroem como ‘normais’ ou ‘anormais.’” Também no revés do separatismo, o filósofo e poeta Édouard Glissant conceitua sua *Poética da Relação* onde fronteiras só existem para que possamos “ultrapassá-las e através delas compartilhar plenamente as diferenças.”⁹ Não se trata, pois, da dissolução das diferenças – evidentemente não somos todas, todes, todos iguais, muito pelo contrário –, mas da valorização e do compartilhamento pleno das diferenças em Relação.

De fato, herdamos uma visão de tempo calcada em sequencialidade progressiva, de espaço marcada por segmentação, de matéria baseada em solidez, de sentido fechada em definição, de linguagem firmada em representação, de acontecimento fundamentada em causalidade, de identidade fixada com estabilidade, de coletividade restrita à humanidade. Seguindo a mesma lógica, o referente racial é duro e separatista – vivemos cotidianamente uma separação fundamental baseada em etnicidade, nacionalidade e identidade social, tendo a noção de “sujeito moderno” como matriz política e comportamental. Porém, são muitas as vozes se sublevando e subvertendo as tecnologias de separação, desbancando o humanismo eurocristão monoteísta cosmo-fóbico e anti-diversal, como diz Nêgo Bispo.

Então, “quem” vem “depois” do “sujeito”? Se o povo do separatismo e da linearidade for capaz de quebrar o feitiço, se formos capazes de desbancar a ontoepistemologia do sujeito moderno e suas violências correlatas, prevalecerão experiências de transtemporalidade, reconhecimento de co-implicação co-extensiva e intra-ativa entre corpos/as humanes e outres-que-humanes, vivências de contornos mais dinâmicos, de corporalidades, relações e mentações mais imaginativas, integrativas e múltiplas. Neste processo, sugiro, a arte da performance e a noção de performatividade são elementos importantes.

nota 3 : desarmar a categoria “objeto”

Nesta luta pelo rearranjo de forças estéticas, éticas e políticas é preciso desarmar a noção de objeto como se desarma uma bomba. Não é mais suficiente desconstruir a dualidade sujeito/objeto ou denunciar as perversões da hierarquia sujeito-sobe-

rano e objeto-subserviente. Ao esgotamento da categoria “sujeito” corresponde a exaustão de seu oposto complementar. Ou, dito de outra maneira, a todo modo de subjetivação correspondem modos de lidar com as matérias. E vice-versa, os modos de lidar com as matérias geram modos de subjetivação. Corpos fazem corpos que fazem corpos que fazem.

Hoje são muitos os trabalhos atentos a essa questão no campo da arte experimental, da filosofia da diferença, dos feminismos, dos estudos *queer*, dos estudos da performance, da pretitude, do indigenismo. A corrente dos novos materialismos, por exemplo, recusa a noção de objetos passivos. Defendem a vitalidade das matérias por saber que “a imagem da matéria morta e instrumentalizável alimenta a arrogância humana”,¹⁰ instiga as fantasias de conquista e dominação, respalda o consumo predatório dos chamados “recursos naturais” (como se rio, ar, terra, mata e mar fossem produtos ao nosso dispor). É como se nada pudesse escapar de um destino mercantil quando se trata do “povo da mercadoria”¹¹ – lugares serão consumidos, tempo é dinheiro, e pessoas, como diz o filósofo Achille Mbembe, se vendem: “A questão já não se limita aos seres humanos serem tratados como mercadorias, mas que se instile no sujeito humano o desejo de se vender a si mesmo, ou seja, de se converter em objeto.”¹²

Porém, melhor enfatizar mais uma vez: defender a vitalidade das matérias nada tem a ver com sujeitificar objetos mantendo, no final das contas, as categorizações ilesas. O que está em questão é a ênfase no agenciamento repercussivo de parentes não-humanos – lixo, pé de ipê rosa, chuva, petróleo, mosquito, avião, ração, mesa, tijolo, telefone. Aliás, algo que animistas, à sua maneira, reconhecem desde sempre. A questão é descarrilhar o antropocentrismo, acordar do pesadelo consumista, exorcizar a maldição colonial quebrando o feitiço da mercadoria, lutar com unhas e dentes (e tudo mais) contra a mercantilização da vida, desbancar a usura neoliberal com vitalismo radical, cultivar e fortalecer alianças interespécies, dançar nas ruas evocando os mortos cheios de vida para enfrentar os vivos cheios de morte.

Para finalizar esta nota, compartilho uma perspectiva elaborada no campo dos estudos da performance. André Lepecki, teórico da dança e da performance, junto com a filósofa Silvia Benso e outres, propõe a emancipação tanto de sujeitos

como de objetos a “coisas”.¹³ O “devir-coisa” é apontado como uma saída, um escape do circuito aparentemente inescapável da mercantilização e da instrumentalização. Propõe um projeto de descolonização e despossessão por meio de uma “ética das coisas” que desobrigue objetos a existir em estado de utilitarismo constante e libere sujeitos do exaustivo exercício de seus egos e egoexistências. Ou seja, a descolonização é compreendida como um movimento emancipatório que só pode ter êxito se buscar, conjugadamente, a liberação de actantes humanes e outres-que-humanes de suas mecânicas existenciais – egóicas e utilitaristas – uns, umas, umes por meio dos outros, outras, outres. O “devir coisa” é um movimento de liberação marcadamente contracolonial e contrantropocêntrico. O “devir coisa”, que nada tem a ver com a sujeitificação dos ditos objetos, nem com a objetificação dos ditos sujeitos, é manobra conceitual, existencial e performativa. A performance é arte de dar a ver essa coisação. Coisação faz performance e performance faz coisação. Gente, mesas, tijolos, plantas e águas fazem alianças para fazer coisas que precisam ser feitas.

nota 4 : magia e técnica

Aqui é preciso colocar uma pergunta fundamental para quem faz e pensa performance: quais movimentos e arranjos de quais matérias conduzem e potencializam as forças que queremos multiplicar e disseminar? Quais conjunções entre quais matérias circulam os afetos que queremos circular e bloqueiam os que queremos bloquear?

Matérias não estão à nossa disposição para serem usadas. Não se trata de usá-las para obter tais ou quais efeitos e resultados. Trata-se, isso sim, de confluir com as matérias, de se deixar guiar por elas ao guiá-las enquanto nos guiam. É uma questão de conhecer com elas, por meio delas, nas relações. E, claro, de escolhas: com o quê optamos por confluir e de que maneiras, e o quê nos escolhe para confluir e de que maneiras.

Talvez a performance seja a arte de combinar matérias por períodos de tempo específicos, em locais específicos, agindo ações específicas para que as conjunções e disjunções almejadas aconteçam. Talvez outro jeito de falar sobre isso seja articulando as palavras magia e técnica, como propõe a artista-pesquisadora

Adriana Schneider evocando o antropólogo Marcel Mauss.¹⁴ Penso que interessa encaminhar as energias por meio de arranjos conceituais e corporais precisos (certeiros e necessários). Penso que devemos atentar para a inteligência ritual, para a pulsação ritual – atos cuidadosos de evocação, encarnação e liberação de forças para transmutação das matérias envolvidas. Penso que, no final das contas, é uma questão de amor pela imanência e seus mistérios – uma questão de extrema atenção (de atenção extrema) às singularidades dos encontros e suas alquimias. Amor pelo dia a dia, pelas coisas da vida, pela vida da vida. Talvez seja uma questão de trincar o espaço com o impacto do corpo performativo para que luz possa sair das coisas e luz possa entrar nas coisas. Talvez seja uma questão de fazer pacto com o espaço por meio do corpo performativo para que escuridão possa sair das coisas e escuridão possa entrar nas coisas. Uma questão de esculpir circunstâncias.

Lembro de quatro acepções da palavra “trabalho” (palavra exaurida, coitada). No sentido mais corrente, trabalho é tarefa, atividade, serviço. De acordo com a orgonomia reichiana, trabalho é luta pela vida, na vida, para manter-se viva, fonte de experiência e conhecimento. Para o pensador e artista Abdias Nascimento, trabalho é uma forma de libertação, um direito e uma obrigação social. E segundo tradições religiosas afro-brasileiras, trabalho é *ebó* (do Yorùbá “oferenda”), ritual realizado para reequilibrar as forças da vida. O trabalho, o despacho, a oferenda, o *ebó*, é um modo de lidar espiritualmente com o material e materialmente com o espiritual. Este tipo de trabalho e modo de trabalhar conflui magia e técnica. O trabalho de performance é trabalho, é trabalho, é trabalho e é trabalho.

nota 5 : imaginação, experimentação e delírio

Recebo periodicamente a newsletter da Associação Cultural Produções Real Pelágio, projeto desenvolvido na cidade de Lisboa. Fundada em 1997 pela dançarina e coreógrafa Sílvia Real e pelo músico e compositor Sérgio Pelágio, a associação sediada no Teatro da Voz promove a criação, a formação artística e a educação pelas artes com crianças e adolescentes. Veja, “com” e não “para” crianças e adolescentes. A newsletter de abril de 2021 traz esta foto, ou melhor, esta conjunção

de coisas coisando, ou ainda, este despacho (palavra que nomeia tanto o despacho mágico, o *ebó*, como o ato administrativo de resolver, encaminhar):



Parede coletiva das aulas de Expressão Dramática de Sílvia Real com uma turma de 1º ciclo da Escola A Voz do Operário, março 2021. Fonte: Newsletter Produções Real Pelágio, abril/maio 2021.

Nunca havia visto, posta de maneira tão radicalmente simples e direta, a centralidade da imaginação como atitude estético-política. “A liberdade tem alguns limites. Mas a imaginação não!” Se a liberdade é fruto de pactos sociais, a imaginação é fruto de pacto com a experimentação. Essa é a sua estonteante forma de força: não ter limites.

Glissant sugere que reimaginar o mundo seria uma tarefa fundamental da/o artista, aquela/e que se aproxima do “imaginário do mundo”,¹⁵ aquela/e que imagina, não para “sonhar o mundo”,¹⁶ mas para infiltrar-se, embrenhar-se nele, para fazer mundo. Penso que a imaginação artística, aquela que envolve o deslimite da experimentação, leva ao delírio. Afinal, quebrar hábito é duro, exige marreta, exige desatino. Talvez apenas em delírio seja possível tornar-se realmente lúcida/o para (e)videnciar o que precisa ser (e)videnciado, para materializar o que precisa ser materializado. Esse tipo de delírio, longe de impedir a pega com a realidade, é o que torna possível a determinação necessária para atualizar o imaginado. Sem entrega obstinada à realidade delirante, sem descabimentos, não se faz o que precisa ser feito.

Denise Ferreira da Silva também convoca a um pacto ferrenho com a imaginação: é urgente “liberar a radical capacidade criativa da imaginação e dela obtermos o que for necessário para a tarefa de pensar O Mundo de outra maneira.”¹⁷ Pergunto: quais cenas podem nos guiar rumo à ampliação da imaginação? E, no reverso, que modos de sociabilidade podem gerar tais cenas e espaços imaginativos? Pergunto: como imaginar coletivamente? Como imaginar com artistas e com não-artistas (e articulando artistas e não-artistas)? Quais as técnicas e magias necessárias? Como marretar sem espatifar? Como agulhar pontos nevrálgicos da estrutura para fazer arte de abrir caminho? Como delirar mais e melhor coletivamente?

nota 6 : beleza e vitalismo

Por fim, é preciso nos perguntarmos sobre beleza. Para além (ou aquém) de quaisquer cânones estéticos, performers e performances perguntam: de que é feita a beleza e o que a beleza faz? Ou ainda, de que são feitas as belezas e o que as belezas fazem?

Em um seminário recente, *Matéria Mar: movimentos em arte e política*,¹⁸ perguntei ao pedagogo Luiz Rufino sobre beleza. De acordo com Rufino, vivemos até hoje em guerra colonial: “Nossas encruzilhadas estão falando isso, os corpos estão falando isso, a mortandade de gente, de outros sistemas vivos, de memórias, as quebras dos ciclos vitais e os atentados às comunidades [falamos disso].”¹⁹ Ou seja, de acordo com ele não vivemos em “estado de colonialidade”, mas em guerra; nossas batalhas diárias são parte da guerra colonial desde há muito em curso. Neste contexto, a festa, a brincadeira e a mandinga são elementos-chave de luta contracolonial. Ao fazer a pergunta, quis acrescentar o tema da beleza no debate. Citei a escritora Saidiya Hartman quando diz que “beleza não é luxo”, mas “uma arte radical da subsistência”.²⁰ Rufino, como bom capoeirista, esquivou e contragolpeou trocando a palavra “beleza” por “boniteza das coisas”. Este foi o seu jeito, penso, de afugentar qualquer conotação de belo canônico, ideal, puro, que porventura pudesse estar de tocaia na palavra “beleza”. A *boniteza das coisas* foi seu jeito, creio, de sacudir a dureza do “objeto”. A *boniteza das coisas* foi sua estratégia, senti, de ventar para longe a violência colonial que define “o belo”. Disse: se há algo avesso

à boniteza é aquilo que quer ser “a última verdade das coisas”; se há algo contrário à boniteza é o não reconhecimento do “inacabamento na relação”.²¹ A boniteza das coisas é um espanta-horres, um antídoto contra tradições estéticas racializadas e racistas baseadas em “extrativismo ontológico e epistêmico”.²² Muita arte, sabemos, apropriou-se (e apropria-se) despudoradamente de referências, modos de existência e vidas sem cuidado algum. Muitos museus, sabemos, foram (e seguem sendo) instituições guardiãs de saques. No contragolpe, Rufino nos fala de “tecnologias guerreiras que estão atreladas à dimensão de boniteza e de esperança para com a vida”.²³ A boniteza está implicada com as políticas de vida e a luta pela vida, especificamente com a libertação do corpo cativo. Ao final da resposta, surpreendentemente, o capoeirista retomou a palavra “beleza”. Disse que beleza é mistério e não cabe dominar mistério. Mistério implica relação. Mistério se experimenta.

Beleza, sugere Saidiya Hartman, é um “instante de possibilidade”. “Ao lado da derrota e do terror haveria isso também: o vislumbre de beleza, o instante de possibilidade.”²⁴ Um vislumbre de possibilidade em meio ao terror, um instante de beleza em meio à derrota, uma abertura de caminho. Para Christina Sharpe, outra pensadora dos estudos da pretitude, “beleza é um método”.²⁵ Lhe interessa o que “a beleza como método pode significar ou fazer: o que ela pode abrir, romper, tornar possível e impossível”.²⁶ Lhe interessa, como experimentava nas práticas caseiras de sua mãe, “um tipo de estética que escapou da violência sempre que possível” — na organização dos alfinetes, no arranjo das pilhas de jornal, em cada ornamento de natal feito à mão. Lhe interessa “como podemos levar conosco o conhecimento da beleza e fazer novos mundos”.²⁷

A arte da performance lida de maneiras misteriosas com as forças da beleza. Foge das definições, esquiva dos enquadramentos, escapa dos cânones estéticos. “Cânone” em grego antigo significa “regra”, nome de uma vara utilizada como instrumento de medida. Não há régua, não há regra — há égua. Há galope, bateção de crina e cascos, relinchos e empinadas em campo aberto ou no quarto fechado. Há pensamento, movimento, faísca. Quando a performance galopa, não se sabe quem é a cavaleira e quem é a égua. Há alianças entre parentes

humanes e não-humanes, co-imaginação, relações intra-ativas, pactos biointegrativos. Em sua misteriosa imanência radical, a performance recusa as atrocidades totalitárias do belo canônico. Corre indefinida, aberta, incapturável, ventando o bom senso e o bom gosto do senso comum. A performance delira a boniteza das coisas ativando relações inusitadas, estranhas, descabidas, singulares, extra-ordinárias, interespecíficas, mágicas, guerreiras. Seu método é seguir expandindo as possibilidades da arte, abrindo a arte, distorcendo arte para fazer arte. Seu método é seguir ampliando os entendimentos de beleza, as sensações de belezas, desconfigurando o belo para fazer boniteza acontecer. Sua beleza é vitalista e sua vitalidade é bela. Ela é bela ela é bela ela é bela ela é bela ela é bela e bela ela é.

Notas

- 1 E-mail do editor do Jornal Coreia, João Martins, em 27/7/2024. João cita o comentário do co-editor da Edição #11 do jornal, Néstor García Díaz, depois da leitura do artigo.
- 2 SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/Piseagrama, 2023.
- 3 *Ibid.* pp. 13-15 (grifos do autor).
- 4 CADAVERA, Eduardo; CONNOR, Peter; NANCY, Jean-Luc (org.). *Who comes after the subject?* Nova York e Londres: Routledge, 1991.
- 5 SILVA, Denise Ferreira da. “Sobre diferença sem separabilidade”. In: REBOUÇAS, Júlia; VOLZ, Jochen (org.). *32ª Bienal de São Paulo: Incerteza viva*. Catálogo. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016, p. 64.
- 6 SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/Piseagrama, 2023, p. 102.
- 7 MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
- 8 PRECIADO, Paul B. “Multidões Queer: notas para uma política dos ‘anormais’”. In: *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11, 2011.
- 9 GLISSANT, Édouard. “Não há fronteira que não se ultrapasse”. In: *Le Monde Diplomatique* Brasil, 1 de outubro de 2006.

- 10 BENNETT, Jane. *Vibrant Matter*. Durham e Londres: Duke University Press, 2010, p. ix. Tradução nossa.
- 11 KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. “Paixão pela mercadoria”. In: *A Queda do Céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- 12 MBEMBE, Achille. “O Fardo da Raça – entrevista com Achille Mbembe realizada por Catherine Portevin”. In: *Caixa Pandemia de Cordéis*. São Paulo: n-1 edições, 2018, p. 27.
- 13 LEPECKI, André. “9 variações sobre coisa e performance”. In: *Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas*. Florianópolis, v. 2, n. 19, p. 93-99, 2019.
- 14 FABIÃO, Eleonora; SCHNEIDER, Adriana (org.). *Janelas Abertas: conversas sobre arte, política e vida*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2023, p. 317.
- 15 GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma Poética da Diversidade*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005, p. 69.
- 16 *Ibid.*
- 17 *Op. cit.*, p. 59.
- 18 O *Seminário Internacional Matéria Mar: movimentos em arte e política* aconteceu nos dias 10 e 11 de abril de 2024, no Fórum de Ciência e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fruto de uma parceria entre o Núcleo Experimental de Performance (NEP UFRJ) e do Master in Performance da Norwegian Theater Academy (MAP NTA HIØ), o evento foi organizado por Adriana Schneider e Eleonora Fabião, coordenadoras do NEP.
- 19 RUFINO, Luiz; FLORENCIO, Thiago. In: FABIÃO, Eleonora; SCHNEIDER, Adriana (org.). *Op. cit.*, p. 141.
- 20 HARTMAN, Saidiya. *Vidas rebeldes, belos experimentos: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encenqueiras e queers radicais*. São Paulo: Fósforo, 2022, p. 53, citada por LIMA, Diane em “o impossível”. In: *35ª Bienal de São Paulo: Coreografias do impossível*. Catálogo. São Paulo: Bienal de São Paulo, 2023, p. 29.
- 21 RUFINO, Luiz. Palestra de encerramento do *Seminário Internacional Matéria Mar: movimentos em arte e política* – documentação audiovisual (entre 1h06min e 1h15min). Arquivo do NEP UFRJ.
- 22 GROSGUÉL, Ramón. “Del ‘extractivismo económico’ al ‘extractivismo epistémico’ y al ‘extractivismo ontológico’: una forma destructiva de conocer, ser y estar en el mundo”. In: *Revista Tabula Rasa*. Bogotá, n. 24, janeiro-junho, 2016.
- 23 RUFINO, Luiz. Palestra de encerramento do *Seminário Internacional Matéria Mar: movimentos em arte e política* – documentação audiovisual (1h10min). Arquivo do NEP UFRJ.
- 24 HARTMAN, Saidiya. “Vênus em dois atos”. In: *ECO-Pós*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, 2020, p. 24, citada por MENEZES, Hélio em “coreografias do impossível, encruzilhadas do tempo”. In: *35ª Bienal de São Paulo: Coreografias do impossível*. Catálogo. São Paulo: Bienal de São Paulo, 2023, p. 17.
- 25 SHARPE, Christina. “Beauty is a Method”. In: *e-flux*, n. 105, dezembro de 2019. Tradução nossa.
- 26 *Idem.*
- 27 *Idem.*



ACOSTA, Alberto. *O bem-viver – uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo: Editora Elefante, 2016.

ACOSTA, Alberto et al. *Pluriverso: um dicionário do pós-desenvolvimento*. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

ATAS do Projeto T R A M A, uma residência artística no setor público. 9 atas dos encontros realizados nos dias 24/3/2023, 28/4/2023, 2/6/2023, 30/6/2023, 14/7/2023, 25/8/2023, 29/9/2023, 20/10/2023 e 1/12/2023. Arquivo do Projeto.

BENNETT, Jane. *Vibrant Matter*. Durham e Londres: Duke University Press, 2010.

CADAVA, Eduardo; CONNOR, Peter; NANCY, Jean-Luc (org.). *Who comes after the subject?* Nova York e Londres: Routledge, 1991.

FABIÃO, Eleonora; LEPECKI, André. *AÇÕES*. Rio de Janeiro: Tamanduá Arte, 2015.

FABIÃO, Eleonora; MELLO, Luiza; MELLO, Marisa S. (org.). *ARTE_BRA Eleonora Fabião*. Rio de Janeiro: Automatica, 2021.

FABIÃO, Eleonora; SCHNEIDER, Adriana (org.). *Janelas Abertas: conversas sobre arte, política e vida*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2023.

FABIÃO, Eleonora; SCHNEIDER, Adriana. *mãos e patas e folhas e asas e barbatanas e*. Rio de Janeiro: Editora Fada Inflada, 2023.

FABIÃO, Eleonora. “fragmento arquivo: ‘nós aqui, entre o céu e a terra’”. In: *Revista Garrafa – Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura (PPGCL)*, da Faculdade de Letras da UFRJ, v. 21, n. 59, pp. 31-70, 2023.

FABIÃO, Eleonora. “seis notas para pensar e fazer performance”. In: *Coreia #11*. Lisboa, 2024.

GARZA, Cristina Rivera. *Dolerse – textos desde un país herido*. México: Sur+, 2011.

GLISSANT, Édouard. “Não há fronteira que não se ultrapasse”. In: *Le Monde Diplomatique Brasil*, 1/10/2006.

GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

GROSGOUEL, Ramón. “Del ‘extractivismo económico’, al ‘extractivismo epistémico’ y al ‘extractivismo ontológico’: una forma destructiva de conocer, ser y estar en el mundo”. In: *Revista Tabula Rasa*. Bogotá, n. 24, janeiro-junho, 2016.

HARTMAN, Saidiya. “Vênus em dois atos”. In: *ECO-Pós*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, 2020.

HARTMAN, Saidiya. *Vidas rebeldes, belos experimentos: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers radicais*. São Paulo: Fósforo, 2022.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A Queda do Céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. *do tempo*. São Paulo: n-1 edições, 2020.

LEPECKI, André. “9 variações sobre coisa e performance”. In: *Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas*. Florianópolis, v. 2, n. 19, 2019.

LIMA, Diane. “o impossível”. In: *35ª Bienal de São Paulo: Coreografias do impossível*. Catálogo. São Paulo: Bienal de São Paulo, 2023.

MACEDO, Valéria. “Alteridade, reflexividade e criatividade: a potência da diferença entre os ameríndios”. In: MACEDO, Valéria; MACHADO, André (org.). *Povos indígenas entre olhares*. São Paulo: Edições SESC São Paulo e Editora Unifesp, 2022.

MALCOM, Ferdinand. *Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MBEMBE, Achille; PORTEVIN, Catherine. “O Fardo da Raça”. In: *Caixa Pandemia de Cordéis*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MBEMBE, Achille. *Entrevista com Achille Mbembe*. São Paulo: n-1 edições, 2020.

MENEZES, Hélio. “coreografias do impossível, encruzilhadas do tempo”. In: *35ª Bienal de São Paulo: Coreografias do impossível*. Catálogo. São Paulo: Bienal de São Paulo, 2023.

NASCIMENTO, Abdias do. *Quilombismo – documentos de uma militância pan-africanista*. Petrópolis: Editora Vozes, 1980.

NASCIMENTO, Beatriz. *Uma história feita por mãos negras – relações raciais, quilombos e movimentos*. RATTs, Alex (org.). Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

PRECIADO, Paul B.. “Multidões Queer: notas para uma política dos ‘anormais’”. In: *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 19, 2011.

PRECIADO, Paul B.. *Um apartamento em Urano*. São Paulo: Zahar, 2021.

RUFINO, Luiz; SIMAS, Luiz Antonio. *Encantamento (sobre política de vida)*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/ Piseagrama, 2023.

SHARPE, Christina. “Beauty is a method”. In: *e-flux*, n. 105, dez. 2019.

SHARPE, Christina. *No vestígio: negritude e existência*. São Paulo: UBU Editora, 2023.

SILVA, Denise Ferreira da. “Sobre diferença sem separabilidade”. In: REBOUÇAS, Júlia; VOLZ, Jochen (org.). *32ª Bienal de São Paulo: Incerteza viva*. Catálogo. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016.

SZYMBORSKA, Wislawa. *[poemas]*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

UKELES, Mierle Laderman. *Mierle Laderman Ukeles: Maintenance Art*. HARRIS, Larissa; PHILLIPS, Patricia C. (org.). New York: Prestel Publishing, 2016.



Todas as fotos foram feitas por João Pedro Orban e Mariana Angelito, exceto: p. 145 (Angela Moreira) e p. 168 (Luana Ferreira).

A nomeação das pessoas nas imagens começa sempre pela extrema esquerda do quadro e segue em sentido horário. Em páginas duplas com quatro imagens, a contagem das fotos começa na esquerda baixa.

p. 36
Christiane de Araújo, Amauri Souza, Maurício Menezes, Ana Melo, George de Souza Alves, Genésio Gregório Filho, Ellen Cristina Pereira Zacarias, Eleonora Fabião, mariah miguel, Viviane Soares Pinheiro e nadiana.

p. 60
foto 2: Bruno Afonso Rego Rossato, Renato Moço, nadiana, Jana Libman, Luciano Silveira, Amauri Souza, Marisa S. Mello, Lucas Alberto, Maria Clara Almeida, Amanda José Carneiro da Silva, Luiza Mello, Daniella São Thiago, Angela Moreira, Eleonora Fabião, mariah miguel e Valéria Hazan; foto 3: Angela Moreira e Eleonora Fabião; foto 4: Daniella São Thiago, Angela Moreira e Eleonora Fabião.

p. 62
foto 1: Angela Moreira, Damiana Alves, Dyonne Boy, Maria Clara Almeida, Luana Ferreira e Eleonora Fabião; foto 2: Bruno Afonso Rego Rossato, ao centro, com Eleonora Fabião, Amanda José Carneiro da Silva, Amauri Souza e Luciano Silveira; foto 3: João Pedro Orban, Luana Ferreira, Daniella São Thiago, Amanda José Carneiro da Silva, Angela Moreira, Maria Clara Almeida, Eleonora Fabião, Damiana Alves, Dyonne Boy, Amauri Souza, mariah miguel, Luciano Silveira, Bruno Afonso Rego Rossato e nadiana; foto 4: Vovó Maria Joanna.

p. 64
foto 1: Bárbara Nascimento; foto 2: nadiana; foto 3: maria miguel, Luiza Mello, Eleonora

Fabião, Safira Aquino Gomes Soares, Bruno Costa Lima Rossato, Jana Libman, Danielle Christine Gomes Messias de Sousa Dias, Celina Macrini, Gabriela Ribeiro Lourenço Silva, Erika Soares Augusto Camacho de Moraes, Bruno Afonso Rego Rossato e nadiana.

p. 66
foto 1: nadiana, ao centro, com Danielle Christine Gomes Messias de Sousa Dias, Amauri Souza, Guilherme Carvalho e, ao fundo, André Lepecki, Gabriela Ribeiro Lourenço Silva, mariah miguel e Eleonora Fabião; foto 2: nadiana, Gabriela Nascimento e André Lepecki.

p. 68
foto 1: Eleonora Fabião, Christiane de Araújo, nadiana, Antony Matos Ceverino e George de Souza Alves; foto 2: Genésio Gregório Filho, Christiane de Araújo e Paula de Oliveira Camargo; foto 3: Paula de Oliveira Camargo, Genésio Gregório Filho, nadiana, Christiane de Araújo, Antony Matos Ceverino, Gracy Mary Moreira, George de Souza Alves, Eleonora Fabião, Viviane Soares Pinheiro, Nilson Nogueira da Silva e Bruno Costa Guimarães.

p. 70
foto 2: Eleonora Fabião, Viviane Soares Pinheiro, nadiana, Christiane de Araújo, Ellen Cristina Pereira Zacarias, George de Souza Alves, mariah miguel, Amanda Oliveira Portela, Amauri Souza, Ivonette Albuquerque e Genésio Gregório Filho; foto 3: Amauri Souza, Ellen Cristina Pereira Zacarias, Genésio Gregório Filho, Ivonette Albuquerque, Eleonora Fabião, Christiane de Araújo e Viviane Soares Pinheiro; foto 4: nadiana, Amauri Souza, Ivonette Albuquerque, Ellen Cristina Pereira Zacarias, Viviane Soares Pinheiro, Christiane de Araújo, mariah miguel, Genésio Gregório Filho e Eleonora Fabião.

p. 72
foto 1: grupo da T R A M A e Núcleo 2 da Escola Livre de Dança da Maré; foto 2: Luiza Mello, Michelle Silva Blandy, Eremita Medeiros dos Santos, Ana Luisa Silva da Silveira, nadiana,

Mariana Angelito, Karoll Silva, mariah miguel, Eleonora Fabião, Gabriela Nascimento e Claudia Maria Dantas; foto 3: Eremita Medeiros dos Santos, Ana Luisa Silva da Silveira, Mariana Angelito, Michelle Silva Blandy, nadiana, Karoll Silva, Marcos Diniz, mariah miguel, Eleonora Fabião, Luiza Mello, Gabriela Nascimento e Claudia Maria Dantas; foto 4: mariah miguel, Mariana Angelito, Eleonora Fabião, Marcos Diniz, Gabriela Nascimento, Claudia Maria Dantas, Luiza Mello, Michelle Silva Blandy, Eremita Medeiros dos Santos, Ana Luisa Silva da Silveira e nadiana.

p. 74
foto 1: Ivani Figueiredo do Nascimento, Eleonora Fabião, mariah miguel, Eremita Medeiros dos Santos, Michelle Silva Blandy e nadiana; foto 2: mariah miguel, Eremita Medeiros dos Santos, Michelle Silva Blandy, nadiana, Ivani Figueiredo do Nascimento e Eleonora Fabião; foto 3: Ivani Figueiredo do Nascimento e Eleonora Fabião; foto 4: nadiana, Eremita Medeiros dos Santos, Michelle Silva Blandy, mariah miguel e Ivani Figueiredo do Nascimento.

p. 76
foto 1: grupo da T R A M A e servidoras/es da prefeitura responsáveis pelo plantio; foto 2: Eleonora Fabião e mariah miguel; foto 3: mariah miguel e João Pedro Orban; foto 4: André Lepecki, Bruno Afonso Rego Rossato, nadiana, Michelle Silva Blandy, Gabriela Nascimento, Luiza Mello e Luciano Silveira.

p. 81
Jana Libman, Luciano Silveira, Valéria Hazan, mariah miguel, nadiana, Celina Macrini, Bárbara Nascimento, Luiza Mello, Marisa S. Mello, Eleonora Fabião, Daniella São Thiago, Angela Moreira, Amauri Souza, Amanda José Carneiro da Silva, Maria Clara Almeida, Lucas Alberto e Bruno Afonso Rego Rossato.

p. 83
Maria Clara Almeida, Eleonora Fabião, Bruno Afonso Rego Rossato, nadiana, Damiana Alves,

Amanda José Carneiro da Silva, Daniella São Thiago, Luciano Silveira e Angela Moreira.

p. 85
Angela Moreira, Jana Libman, Danielle Christine Gomes Messias de Sousa Dias, Gabriela Ribeiro Lourenço Silva, Erika Soares Augusto Camacho de Moraes, Bruno Afonso Rego Rossato, nadiana, maria miguel, Luiza Mello, Eleonora Fabião, Safira Aquino Gomes Soares e Bruno Costa Lima Rossato.

p. 87
Gabriela Nascimento, André Lepecki e Gabriela Ribeiro Lourenço Silva.

p. 89
Genésio Gregório Filho, Eleonora Fabião, Christiane de Araújo, nadiana, Antony Matos Ceverino, George de Souza Alves, Viviane Soares Pinheiro, Ellen Cristina Pereira Zacarias, Bruno Costa Guimarães e Paula de Oliveira Camargo.

p. 91
Viviane Soares Pinheiro, Amauri Souza, mariah miguel, George de Souza Alves, Eleonora Fabião, Ellen Cristina Pereira Zacarias e Christiane de Araújo.

p. 93
Luiza Mello, Michelle Silva Blandy, Eremita Medeiros dos Santos, Ana Luisa Silva da Silveira, Eleonora Fabião, Marcos Diniz, Gabriela Nascimento e Claudia Maria Dantas.

p. 95
Ivani Figueiredo do Nascimento, Eleonora Fabião, Eremita Medeiros dos Santos, nadiana, Michelle Silva Blandy e mariah miguel.

p. 97
mariah miguel, George de Souza Alves, Michelle Silva Blandy, nadiana e Eleonora Fabião.

Fonte: Trade Gothic
Papel: Eurobulk 135grs
Impressão: Ipsis
Tiragem: 500 exemplares

Muito obrigada pela parceria, Adriana Schneider,
Luiza Toschi, Martim Valeiras Toschi,
Silvia Soter e Manuel Águas.

Muito obrigada, sempre, Valentina Fabião Lepecki.

DADOS INTERNACIONAIS PARA CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Fabião, Eleonora
F118t T R A M A / Eleonora Fabião ; coordenado por Luiza
Mello. — Rio de Janeiro : Automatica Edições, 2025.
167 p. : il. ; 17cm x 21cm.

Inclui bibliografia.
ISBN: 978-65-8957-912-0

1. Arte. 2. Performance. 3. Residência artística.
4. Setor público. I. Mello, Luiza. II. Título.

2025-3671

CDD 700
CDU 7

Índice para catálogo sistemático: 1. Artes 700 | 2. Artes 7
Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410



Deixei todo mundo em casa e segui dirigindo. Um trânsito doido de sexta-feira à noite. Chove fininho, tudo brilhando. O Ipê Rosa no banco de trás, seguro pelo cinto – João ajeitou, prendeu o vaso como se fosse cadeirinha de criança. O para-brisa marcando o compasso e o corpo todo vibrando depois de tanto. Mal caibo em mim. Em português brasileiro “beleza” é gíria. A gente diz muito como cumprimento: “E aí, tudo beleza?”, “Sim, beleza” – tudo bem, tudo certo. Usamos também para firmar alianças, fechar acordos, apertando mãos, falando dentro dos ouvidos durante abraços: “Beleza?”, “Beleza, combinado”. Dita com franqueza, é uma palavra-caminho – vem cheia de sim, de abertura, de querer. Qual outra palavra poderia fazer isso? Não consigo imaginar. Acho tão bonito a gente praticar ela assim, ensina coisas sobre a arte. Porque, no final das contas, beleza é geração de força vital e artistas trabalham com geração de força vital. Mesmo que seja uma beleza triste, desesperada, fúnebre, que traga grito, choro e dor, brota flor, brota flor, brota flor. Beleza e vitalidade se brotam.

